

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Ana Luiza Emerich Magalhães

MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM EM
ARTE: relações no contexto escolar

Belo Horizonte
2019

Ana Luiza Emerich Magalhães

MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM EM
ARTE: relações no contexto escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lucia Gouvêa Pimentel

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes
2019

Ficha catalográfica

(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

Emerich, Ana Luiza, 1993-

 Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte [manuscrito] : relações no contexto escolar / Ana Luiza Emerich Magalhães. – 2019.

 101 p.

 Orientadora: Lucia Gouvêa Pimentel.

 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

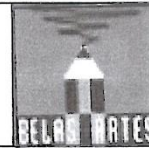
 1. Arte – Estudo e ensino – Teses. 2. Material didático – Teses. 3. Arte e educação – Teses. I. Pimentel, Lucia Gouvêa, 1947- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD 707



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES



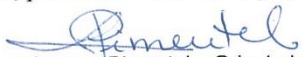
FOLHA DE APROVAÇÃO

Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte

ANA LUIZA EMERICH MAGALHÃES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ARTES, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ARTES, área de concentração ARTES, linha de pesquisa Arte e Experiência Interarte na Educação.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Lucia Gouvea Pimentel – Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais


Prof(a). Juliana Gouthier Macedo
UFMG


Prof(a). Geraldo Freire Loyola
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Dedico os mais sinceros agradecimentos às várias pessoas que me auxiliaram na realização deste trabalho. À minha orientadora, professora Lucia, pelo carinho e compreensão de sempre. À minha família, que me apoiou com muito amor e paciência. Aos amigos e colegas de trabalho, de estudo e da vida, que estiveram comigo durante essa caminhada e não mediram esforços para me ajudar. Aos professores, que gentilmente responderam aos questionários e se disponibilizaram para as ricas trocas de ideias. À banca examinadora, pela disponibilidade e contribuições. Aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, muito obrigada!

O estudo só pode surgir no lugar em que as respostas não saturam as perguntas, mas no lugar em que são, elas próprias, as perguntas.

Jorge Larrosa Bondía

LISTA DE ABREVIATURAS

ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas

BH - Belo Horizonte

CAAE - Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

COEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CONFAEB - Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil

EBA - Escola de Belas Artes

EJA - Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

MEC - Ministério da Educação

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

REE/MG - Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais

RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte

RME/BH - Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte

SEE - Secretaria de Estado de Educação

SMED - Secretaria Municipal de Educação

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CAPÍTULO I - Materiais didático-pedagógicos e Arte	18
1.1 Materiais didático-pedagógicos	18
1.2 Como os materiais didático-pedagógicos estão sendo pensados: algumas pesquisas e conceitos	21
1.3 Materiais didático-pedagógicos de Arte e o professor	22
2 CAPÍTULO II - Materiais didático-pedagógicos de Arte pelos professores	32
2.1 Contato com os professores	32
2.2 Entendimentos sobre os materiais didático-pedagógicos de Arte	36
2.3 Considerações sobre os entendimentos dos professores	41
3 CAPÍTULO III - Elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos de Arte	52
3.1 O que os professores dizem	52
3.2 Reflexões sobre o que os professores dizem	76
CONSIDERAÇÕES	88
APÊNDICE A	94
APÊNDICE B	98
APÊNDICE C	100

RESUMO

Esta dissertação trata das relações que professores e alunos estabelecem com os materiais didático-pedagógicos de Arte. Partiu-se do reconhecimento da importância que esses materiais podem ter para o ensino/aprendizagem em Arte, do protagonismo que alunos e professores podem assumir na relação com esses e das potencialidades envolvidas na elaboração dos materiais didático-pedagógicos pelos próprios professores, sobretudo professores/artistas/pesquisadores. Assim como a pesquisa, este trabalho se desenvolveu a partir das considerações que professores de Arte da Região Metropolitana de Belo Horizonte fizeram sobre o tema. Desenvolveu-se, portanto, a partir de um recorte bem definido. Apesar disso, espera-se que as reflexões apresentadas nestas páginas possam contribuir com o ensino de Arte de uma forma mais ampla. Como metodologia de coleta dos dados, utilizou-se de questionário *online*, que foi enviado para os professores. Após análise dos questionários, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco desses professores, sendo que três deles tiveram suas aulas observadas. Após análise dos dados obtidos, percebeu-se que as relações entre professores e materiais e entre alunos e materiais não são tão simples como inicialmente esperado, variando não apenas de acordo com a pessoa, mas também a partir das mais variadas necessidades, especificidades e dificuldades que envolvem as aulas de Arte e o cotidiano escolar. Percebeu-se, ainda, que a prática docente envolve criação e que a elaboração de materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte também pode estar - e é desejável que esteja - envolvida por ela.

PALAVRAS-CHAVE: materiais didático-pedagógicos; Arte; professor / artista / pesquisador.

ABSTRACT

This thesis deals with the relationships that teachers and students establish with the didactic-pedagogical materials of Art. It started from the recognition of the importance that these materials can have for teaching/learning in Art, the protagonism that students and teachers can play in relation to them and the potentialities involved in the elaboration of didactic-pedagogical materials by the teachers themselves, especially teachers/artists/researchers. Like the research, this work developed from the considerations that Art teachers from the Metropolitan Region of Belo Horizonte did on the theme. It developed, therefore, from a well-defined profile. Nevertheless, it is expected that the reflections presented in these pages can contribute to the teaching of Art in a broader way. As data collection methodology, an online questionnaire was used, which was sent to the teachers. After analysis of the questionnaires, semi-structured interviews were conducted with five of these teachers, and three of them had their classes observed. After analyzing the data obtained, it was noticed that the relations between teachers and materials and between students and materials are not as simple as initially expected, varying not only according to the person, but also from the varied necessities, specificities and difficulties that involve Art classes and daily school life. It was also realized that teaching practice involves creation and that the elaboration of didactic-pedagogical materials for teaching/learning in Art can also be - and is desirable to be - involved by it.

KEY WORDS: didactic -pedagogical materials; Art; teacher / artist / researcher.

INTRODUÇÃO

A primeira vez que pude perceber a relevância e a necessidade de pensar materiais didático-pedagógicos de Arte foi quando cursei as disciplinas Laboratório de Licenciatura I e Laboratório de Licenciatura II, pensadas pela Professora Lucia Gouvêa Pimentel e ofertadas pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG).

Essas disciplinas propõem que seus alunos lancem um olhar crítico para conceitos pré-estabelecidos sobre materiais didático-pedagógicos, concebendo e construindo materiais¹ que dialoguem com concepções sobre o ensino/aprendizagem e com as produções dos próprios alunos, de forma a estabelecer um processo de trocas e trabalho coletivo entre professor e alunos, promovendo expansões de conceitos e apontando novos caminhos de pesquisa, mesmo depois da materialização dos materiais didático-pedagógicos.

A professora Juliana Gouthier Macedo, em entrevista concedida ao pesquisador Geraldo Freire Loyola², destaca a “consciência do inacabamento” que permeia o desenvolvimento das disciplinas. Essa consciência do inacabamento se dá tanto em relação ao processo de formação do futuro professor, quanto em relação ao material didático-pedagógico, que pode ser visto como processo aberto, mesmo depois de considerado “finalizado” (LOYOLA, 2016).

Desenvolver, ao longo das disciplinas, a concepção e a construção de um material didático-pedagógico voltado para o ensino/aprendizagem da gravura na Educação Básica permitiu que eu passasse a olhar os materiais didático-pedagógicos não mais como simples objetos, mas como um conjunto de pequenas e potentes ideias que poderiam ser exploradas e expandidas das mais variadas formas, tanto por professores quanto por alunos. Assim, esses materiais passaram a significar, para mim, um ponto de partida. Concretudes diversas que abrigam ideias passíveis de serem ampliadas, alteradas e adaptadas por quem entra em contato com elas.

¹ A palavra “material” será por vezes utilizada como sinônimo de “material didático-pedagógico” a fim de garantir fluidez ao texto.

² MACEDO, Juliana Gouthier. Depoimento via e-mail, 2016.

A descoberta da possibilidade de pensar os materiais dessa forma me impulsionou a desenvolver outra pesquisa, para além da que desenvolvi na elaboração do material já citado. Uma pesquisa de investigação, análise e experimentação da presença da gravura em orientações nacionais e regionais para o ensino de Arte, em livros didáticos e no cotidiano da sala de aula, sendo sistematizada no Trabalho de Conclusão de Curso, em dezembro de 2014.

O aprofundamento de questões relacionadas aos materiais didático-pedagógicos também guiou minha prática docente no ensino de Artes Visuais para alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, enquanto trabalhava como professora bolsista no Centro Pedagógico da UFMG, sobretudo nas aulas voltadas para os alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental. O material que desenvolvi nas disciplinas Laboratório de Licenciatura I e II, que tecia relações entre a gravura e a memória, constituiu-se a minha base de trabalho com esses alunos. Para desenvolver o trabalho, adquiri várias caixinhas e propus que cada aluno guardasse nelas as suas produções, como se fossem “caixas de lembranças”. Porém, essa caixa da lembrança não era de memórias do passado. Cada trabalho desenvolvido abordava coisas que eram caras para eles no presente: objetos, pessoas, lugares. Assim, no futuro, essa seria uma caixa das memórias da infância. Cada produção desenvolvida pelos alunos envolvia pelo menos uma característica da gravura, explorando aspectos como a reprodutibilidade técnica e a inversão da imagem.

Ao longo das aulas de Artes Visuais do terceiro ano do Ensino Fundamental, propus - e me foram propostas pelos alunos - expansões, revisões e diálogos com a produção teórica e prática³ que havia desenvolvido até o momento, ampliando meu olhar sobre a relação dos alunos com o material didático-pedagógico que eu havia elaborado e com outros que adaptei. Isso é algo que tenho tentado observar, também, no meu trabalho enquanto mediadora em espaço cultural. Perceber a relação entre alunos e materiais tem se mostrado desafiador, já que essa frequentemente se estabelece de forma fugidia, no contexto de uma breve visita.

É interessante pensar que nunca havia refletido sobre a relação que eu mesma estabeleci com os materiais didático-pedagógicos de Arte ao longo da minha

³ Não é objetivo deste trabalho desconsiderar as questões e contribuições teóricas que surgem a partir da prática ao trazer esses dois termos. A intenção é, somente, diferenciar ações que possuem em sua base características mais teóricas das que possuem características mais práticas.

trajetória escolar. Isso até muito recentemente, quando me foi proposto um exercício na disciplina *A Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola: Abordagens Metodológicas*, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. O exercício envolvia a reflexão sobre a Arte na trajetória de cada um e a minha primeira ideia foi tentar me lembrar das aulas de Arte⁴ que vivenciei na Educação Básica e, para a minha surpresa, eu não me lembrei de quase nada. Das poucas memórias resgatadas sobre as aulas de Arte, uma delas foi um papel A4 onde havia fotocopiado, em preto e branco, a imagem da obra *A noite estrelada*⁵, de Vincent van Gogh. A professora havia nos dado esse papel para que coloríssemos. Não me lembro se a professora utilizava um livro didático, não me lembro quais recursos ela utilizava em sala de aula, só me lembro dessa folha com um xerox. Não sei ao certo o porquê de me lembrar exatamente disso, mas é certo que uma das únicas coisas que me recordo do ensino de Arte no contexto escolar é um objeto, algo concreto. Talvez o fato de um objeto ser uma das únicas coisas que me recordo das aulas de Arte tenha despertado em mim a curiosidade de investigar se o material didático-pedagógico contribui para proporcionar experiências significativas, se professores e alunos se lembrarão dele.

Outra das poucas lembranças que tenho em relação à arte também era um objeto, mas não me foi introduzido no contexto das aulas de Arte. Quando criança possuía o hábito de frequentar constantemente a biblioteca da escola, incentivada por uma professora que, além de me apresentar o mundo dos livros, instigou minha criatividade em todos os campos com as suas histórias, contadas de maneira envolvente. Foi nesse espaço que encontrei um livro que me marcou de forma profunda e lúdica ao mesmo tempo: *Linéia no jardim de Monet*⁶. Esse livro cumpriu para mim a função de material didático-pedagógico e foi certamente um dos mais importantes deles, pois me apresentou a figura do artista.

Assim, na perspectiva de quem vivenciou a importância que um material didático-pedagógico pode ter na trajetória de um aluno, de quem vivenciou, ainda, a

⁴ Neste trabalho, Arte está grafada com inicial maiúscula quando se trata do componente curricular e com inicial minúscula quando se refere à arte de maneira geral.

⁵ GOGH, Vincent van. *A noite estrelada*. Pintura a óleo, 74 cm x 92 cm, junho de 1889, Museu de Arte Moderna de New York.

⁶ BJORK, Christina. *Linéia no jardim de Monet*. Ilustrações de Lena Anderson. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Salamandra, 1992, 48 p.

riqueza de trocas e diálogos proporcionados pelas disciplinas da Licenciatura, pela produção do Trabalho de Conclusão de Curso e pela prática docente, e ainda vivenciando esse processo aberto, despertado na construção de um material didático-pedagógico, lancei-me a investigar o olhar dos alunos e, sobretudo, dos professores sobre os materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

Propor-se a pensar sobre as relações que professores e alunos estabelecem com os materiais didático-pedagógicos de Arte pode parecer, em um primeiro olhar, uma tarefa despropositada. Isso porque esses tipos de materiais já costumam ser tidos, de pronto, como objetos ou mídias digitais cuidadosamente elaborados para garantir a eficiência do processo de ensino/aprendizagem de determinada área de conhecimento.

Eles estariam à disposição dos professores para que fossem seguidos e à disposição dos alunos para que também o seguissem, fazendo uso do que está claramente explicado e exposto ali. Em muitos casos, inclusive, esses materiais seriam acompanhados de instruções para a sua melhor utilização pelos professores, o que, automaticamente, suporia uma melhor utilização também pelos alunos.

Colaborando para o despropósito de se pensar as relações que professores e alunos estabelecem com os materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte estaria a ideia de eles possuírem formas bastante padronizadas, resultando em um conjunto de materiais já pré-determinados do que seriam esses materiais didático-pedagógicos: livros, apostilas e recursos digitais. Tendo formas já bem conhecidas por professores e por alunos, é de se imaginar que eles estejam familiarizados com essas formas e que seja fácil fazer “uso correto” desses materiais.

Diante disso, qual seria o propósito de pensar as relações que envolvem a tríade professor/aluno/material didático-pedagógico se elas já aconteceriam de forma tão direta rumo a um ensino/aprendizagem simples e eficiente?

Pensar essas relações justifica-se exatamente por elas nem sempre se darem de forma direta, de não ser assim tão óbvia a utilização que se faz desses materiais, de não ser necessário que eles sejam seguidos, de ser possível pensar em formas mais ativas de professores e alunos se relacionarem com esses materiais já prontos

e de ser possível que eles criem os próprios. De ser possível, ainda, que esses materiais assumam formas diversas, sendo escolhidas não só pela praticidade, mas também pelo que possuem de potente enquanto própria concretude.

As relações entre professores e materiais didático-pedagógicos e entre esses últimos e os alunos nem sempre são simples, objetivas ou se resumem a executar instruções. Existe muito das particularidades de cada indivíduo nessas relações. Particularidades são inerentes à condição humana e à arte de cada indivíduo, enquanto reflexo.

Isso se manifesta também na compreensão que cada indivíduo tem sobre o material didático-pedagógico, de modo a resultar em uma série de definições, por vezes complementares, por vezes excludentes. Há quem considere materiais didático-pedagógicos como sendo somente aqueles materiais elaborados especialmente para fins didáticos, mas há também quem os compreenda como sendo qualquer coisa usada para tal, tendo sido criada com essa finalidade ou não. Também há quem entenda que materiais didático-pedagógicos são somente os livros didáticos, quem diferencie materiais didático-pedagógicos e ferramentas para realização de determinada atividade e quem considere que material didático-pedagógico é qualquer coisa envolvida no processo de ensino/aprendizagem, incluindo objetos simples, como tintas e pincéis.

A complexidade que envolve as diversas relações possíveis que se estabelecem com os materiais didático-pedagógicos faz-se presente no ensino/aprendizagem de qualquer área de conhecimento, de qualquer componente curricular. No que se refere ao ensino/aprendizagem em Arte, especificamente, soma-se a importância de pensar esse processo em torno da criação, pois ela está em tudo que se relaciona à arte. Ela passa não só pelo fazer artístico, mas também pela fruição e contextualização da obra de arte.

Nada mais coerente, então, que lançar um olhar especial para os atos de criação envolvidos nas relações estabelecidas com os materiais didático-pedagógicos, especialmente quando da prática de elaboração desses materiais pelos próprios professores que são, juntamente com os estudantes, os que mais conhecem as particularidades, potencialidades e limitações existentes em suas salas de aulas, sendo capazes de propor materiais que dialoguem com elas.

A partir do até aqui exposto e destacando-se a necessidade de se refletir a respeito da elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos pela importância que esses podem assumir no processo de ensino/aprendizagem, investigou-se as relações que professores e alunos de escolas de Educação Básica da Região Metropolitana de Belo Horizonte estabelecem com os materiais didático-pedagógicos de Arte.

Essas relações são fortemente influenciadas pelas formas de se pensar o papel/atuação do professor de Arte e a formação inicial e continuada desse profissional. A pesquisa, no entanto, se concentrou especificamente nas questões cujo foco direto são os materiais didático-pedagógicos.

No que se refere à pesquisa desenvolvida, é importante pontuar que o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG⁷.

Como etapa inicial, procedeu-se à realização de levantamento teórico, seguido da análise de referências relacionadas ao tema proposto. Posteriormente, realizou-se contato via *email* com professores⁸ de Arte da Região Metropolitana de Belo Horizonte, de modo a apresentar-lhes a pesquisa e consultar sobre a sua disponibilidade e interesse em responder ao questionário (Apêndice A).

Por meio do questionário, foram coletadas as seguintes informações: se atuavam como professor de Arte na Educação Básica em escola localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte; se atuavam como professor de Arte na Educação Básica há pelo menos três meses⁹; ano escolar e modalidade de ensino em que lecionavam; em que consistia sua formação acadêmica; o que consideravam ser material didático-pedagógico de Arte; qual importância atribuíam a esses materiais no ensino/aprendizagem; quais materiais utilizavam nas aulas e para o planejamento dessas; quais relações estabeleciam com esses materiais; quais relações consideravam que os alunos estabeleciam com esses materiais; observações que julgassem necessárias; quais tinham interesse em receber retorno

⁷ Número do Parecer: 2.598.027.

Número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 80293817.8.0000.5149.

⁸ O grupo de participantes da pesquisa compreende tanto homens quanto mulheres, sendo o termo “professores”, bem como o termo “professor”, utilizados neste trabalho apenas por uma questão gramatical.

⁹ Essas duas primeiras informações estão relacionadas aos critérios de exclusão da pesquisa.

sobre a pesquisa; quais tinham interesse em participar da entrevista. Em seguida procedeu-se à sistematização e análise das informações citadas acima e seleção de professores a serem entrevistados pessoalmente.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco professores de Arte, tendo sido realizada a observação das aulas de três desses professores. Na mesma oportunidade, os professores assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndices B e C).

A entrevista teve como foco a elaboração, a escolha e o uso dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte. Já a observação teve como foco as relações que professores estabelecem com os materiais didático-pedagógicos no cotidiano da sala de aula.

Para finalizar, procedeu-se à sistematização e análise das informações obtidas por meio das entrevistas e da observação em sala de aula. Além disso, realizou-se a escrita deste trabalho, sendo que fragmentos do mesmo foram anteriormente apresentados no Encontro ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas) Sudeste de Jovens Pesquisadores 2018 e no XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (CONFAEB 2018), tendo esses sido publicados nos Anais do Encontro ANPAP e nos Anais do CONFAEB¹⁰. As partes já publicadas encontram-se na Introdução e Capítulo I deste trabalho. De modo geral, o desenvolvimento das etapas descritas acima refletiu o

¹⁰ EMERICH, Ana Luiza. Questionamentos e possibilidades envolvendo os materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte. Comunicação apresentada no *Encontro ANPAP Sudeste de Jovens Pesquisadores 2018* [ESTADO DE ALERTA!].

EMERICH, Ana Luiza. Questionamentos e possibilidades envolvendo os materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte. (maio de 2018). In: OLIVEIRA, Luiz Sérgio de; TÁVORA, Maria Luisa (orgs). *[E S T A D O D E A L E R T A !]*: l i v r o 1. Niterói: PPGCA - UFF, 2018, p.51-66.

EMERICH, Ana Luiza. Entre a ausência e o afeto: vivências no ensino/aprendizagem em Arte (novembro de 2018). Comunicação apresentada no *XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil e VI Congresso Internacional de Arte-Educadores – CONFAEB 30: Ações Políticas de/em enfrentamentos, resistências e recriações*.

EMERICH, Ana Luiza. Entre a ausência e o afeto: vivências no ensino/aprendizagem em Arte (novembro de 2018). In: GUIMARAES, L. REGO, L. (orgs). *Ações políticas de/para enfrentamentos, resistências e recriações* [recurso eletrônico]: Anais [do] XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil [e] VI Congresso Internacional dos Arte/Educadores. Brasília, DF, 2018, p 124-136.

caráter qualitativo e exploratório da pesquisa, buscando a não generalização e a valorização das particularidades de cada situação apresentada.

Esta dissertação é composta por três capítulos. O Capítulo I, *Materiais didático-pedagógicos e a Arte*, apresenta noções teóricas do campo da educação, de modo a tecer relações entre os materiais didático-pedagógicos, a noção de professor/artista/pesquisador e a experiência no ensino/aprendizagem em Arte. O Capítulo II, *Materiais didático-pedagógicos de Arte pelos professores*, expõe dados coletados por meio de questionário e propõe reflexões a partir desses dados. Além disso, propõe algumas conexões entre esses e as informações coletadas através da observação de aulas. O Capítulo III, *Elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos de Arte*, expõe as considerações dos professores entrevistados a respeito da elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos de Arte e a respeito do livro didático. Ele traz, ainda, apontamentos realizados a partir da análise dessas considerações dos professores, em diálogo com dados do questionário e informações coletadas na observação das aulas. Logo após, as Considerações, as Referências e os Apêndices.

Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a compreensão das relações que professores e alunos estabelecem com os materiais didático-pedagógicos e que possa, também, motivar a revisão e/ou ampliação e/ou desdobramento das relações já estabelecidas, criando outras. Essas ainda mais enriquecedoras e potentes para o ensino/aprendizagem em Arte.

1 CAPÍTULO I - Materiais didático-pedagógicos e Arte

Os materiais didático-pedagógicos acompanham o cotidiano das salas de aula de Educação Básica brasileiras em diversos componentes curriculares. Na área artística, além de livros, equipamentos e computadores, outros materiais, como tintas e pincéis, costumam ser utilizados nas aulas de Arte. Esses materiais estão presentes na sala de aula de forma quase indiscutível, pois é comum atribuir-lhes o papel de potencializar a aprendizagem e contribuir para o processo de construção de conhecimento. “Historicamente, o uso de materiais diversificados nas salas de aula, alicerçado por um discurso de reforma educacional, passou a ser sinônimo de renovação pedagógica, progresso e mudança” (FISCARELLI, 2007, p.1).

1.1 Materiais didático-pedagógicos

A ideia de que o material didático-pedagógico é uma opção eficiente no que tange ao ensino/aprendizado nas diversas áreas de conhecimento é tão sólida que, por vezes, esse material pode ser visto como elemento central da sua definição:

Os materiais didáticos¹¹, em geral, cumprem a função básica e essencial de mediação no processo de ensino e aprendizagem, constituem-se em meio e instrumento através do qual o conhecimento é organizado, estruturado e apresentado pelo professor ao aluno (TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008, p.55).

Para além de questões como as informações contidas no material ou a sua apresentação, é pertinente observar que os materiais didáticos, assim como outros aspectos que envolvem a educação, carregam consigo versões de mundo. Essas versões de mundo estão ligadas às teorias pedagógicas e se refletem tanto nos métodos e metodologias presentes na sala de aula quanto nos materiais didáticos. Em relação ao conceito de material didático e suas funções, Silva, Giorgani e Menotti (2009) consideram que são quatro as teorias pedagógicas que o fundamentam: tradicional, da Escola Nova, tecnicista e crítico-social dos conteúdos.

¹¹ A maioria das produções utilizadas para a construção desse trabalho utiliza-se do termo *material didático*, de modo que algumas vezes se lerá o termo *material didático* e algumas vezes se lerá o termo *material didático-pedagógico*. Esse último reflete o posicionamento da autora quanto a poder pensar material como algo mais amplo, ideia já apresentada na Introdução.

Segundo as autoras, na pedagogia tradicional o material didático é concebido como um suporte, algo pronto, cabendo ao aluno assimilar o que nele está posto, sendo o material que determina o que deve ser aprendido. Na pedagogia da Escola Nova, há a introdução de jogos e o aspecto lúdico é considerado. Na pedagogia tecnicista, o professor é o transmissor dos conhecimentos apresentados no material didático, sendo que a importância dos materiais estaria mais no fato de tê-los do que na preocupação quanto à sua utilização. Na pedagogia crítico-social dos conteúdos, o material didático precisa ser contextualizado para a realidade dos estudantes, para que possam desenvolver-se intelectual, social e pessoalmente.

Tratando especificamente dos materiais didáticos de Arte, dentre eles os livros, Silva (2009) também aponta para o fato de que os mesmos apresentam versões de mundo e afirma que:

Neles, seleção e organização de conhecimentos se associam para representar visões de arte, para orientar formas de perceber, valorizar, fazer e, até, avaliar arte e imagens. Associam-se, ademais, para representar, criar e anular identidades, falar sobre elas, classificá-las e colocá-las em determinados quadros de arquétipo social e cultural (SILVA, 2009, p.12).

Teuber destaca que os materiais didáticos recebem críticas, que não são recentes, por: apresentarem os conteúdos como verdades certas e acabadas; apresentarem um currículo aparentemente neutro e universal; envolver diversos interesses comerciais; dar ênfase no posicionamento passivo por parte do aluno, entre outros. A autora defende a importância de se ampliar as análises e as pesquisas sobre materiais didáticos em geral e sobre livros didáticos mais especificamente, já que esses últimos são, muitas vezes, um dos poucos materiais disponíveis na sala de aula para professores e alunos (TEUBER, 2012).

Assumindo que os materiais didático-pedagógicos apresentam versões de mundo e que, por isso, podem apresentar diferentes relações com o conhecimento, com o professor e com o aluno, faz-se relevante pontuar que algumas críticas apontadas por Teuber podem se aplicar a alguns materiais e não a outros, como é o caso da ênfase na passividade do aluno e a apresentação dos conteúdos como verdades acabadas.

Na contemporaneidade, expandir as pesquisas e análises a respeito dos materiais didático-pedagógicos parece envolver, quase que necessariamente, lançar

um olhar para a utilização de recursos tecnológicos. Isso porque é possível perceber uma crescente utilização de recursos variados, como programas de computador e *softwares*, recursos audiovisuais, aparelhos portáteis e informática pensados para o ensino/aprendizagem em diversas áreas.

Essa utilização “tem se colocado como uma exigência no processo de modernização da sociedade e na renovação pedagógica” (TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008, p.57). Isso vem acompanhado da proximidade que muitos alunos desenvolvem cada vez mais cedo com a tecnologia, tornando-se difícil ignorá-la e sendo quase impossível não incorporá-la, de algum modo, no cotidiano da sala de aula.

Porém, a utilização desses recursos requer cuidados, podendo ser tão negativa quanto a má utilização de materiais mais tradicionais, como o livro didático. Isso porque “com frequência apenas um ou dois professores são especializados no assunto e, em vista disso, a maioria depende de pacotes pré-definidos, em geral adquiridos em empresas produtoras de software, sem regulamentação pedagógica específica” (TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008, p.57).

No que tange mais especificamente ao ensino/aprendizagem em Arte, faz-se necessário observar que:

O uso da tecnologia no vazio, sem conceitos, explorando apenas seus recursos, sem propósitos, não garante o desenvolvimento de um pensamento artístico ou da construção de um saber em arte. Para alguns trabalhos ou estudos, pode ser preferível utilizar um material/técnica tradicional: para outros, determinado meio/tecnologia é o mais indicado. O bom senso, o conhecimento e o desejo, juntos, vão direcionar a escolha justificada de determinado caminho a ser seguido. (PIMENTEL, 2002, p.118).

A questão do bom senso e da adequação dos materiais aos trabalhos ou estudos, no que tange à escolha por meios tecnológicos, envolve, inclusive, as características de certas produções artísticas, sobretudo as mais atuais. Isso porque muitas obras são produzidas a partir do trabalho com o audiovisual, utilizado para pensar instalações que envolvam o movimento e a interação, por exemplo. Trojan e Rodríguez (2008) afirmam que os materiais de Arte devem mostrar a produção artística universal, nacional e local, e que isso significa a necessidade desses materiais não estarem limitados só ao meio impresso, já que a Música, o Teatro e o Cinema, por exemplo, trabalham com recursos que não podem ser expressos de

modo integral graficamente. Isso não significa que os materiais impressos precisam ser dispensados, já que esses permitem trabalhar aspectos da História e da Crítica de Arte, além de outros fundamentos teóricos e práticos relacionados com o campo de conhecimento. (TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008).

1.2 Como os materiais didático-pedagógicos estão sendo pensados: algumas pesquisas e conceitos

Os materiais didático-pedagógicos podem se constituir importantes aliados para o ensino/aprendizagem em Arte. Apesar dessa importância, ainda há uma escassez de referências teóricas sobre o assunto (LOYOLA, 2016), sendo que só muito recentemente essa temática começou a ser valorizada em termos de pesquisa no campo científico (TEUBER, 2016).

Pesquisas referentes aos materiais didático-pedagógicos de outras áreas de conhecimento podem contribuir para se pensar os materiais para ensino/aprendizagem em Arte. Porém, é importante que se desenvolvam estudos em que sejam pensados especificamente os materiais didático-pedagógicos para essa área, pois os mesmos possuem suas particularidades, devendo envolver “fenômenos peculiares e específicos, inerentes ao processo de criação e formação artística” (LOYOLA, 2016, p.16). O material didático-pedagógico de Arte pode ser entendido como “um objeto estético, físico ou imaterial, que desperta e estimula interesses e conexões com novas ideias, pensamentos artísticos e possibilidades de fazer e compreender arte” (LOYOLA, 2016, p.100).

Essa valorização em termos de pesquisa no campo científico permite que sejam encontradas publicações que abordam a temática dos materiais didáticos em suas várias dimensões, como, por exemplo: pesquisas que envolvem a avaliação das características de determinados livros produzidos por editoras que atuam no mercado (VALARINI, 2016); relações entre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e os materiais didáticos (TROJAN; RODRÍGUEZ, 2008); criação de materiais didáticos no contexto da formação docente (HOFSTAETTER, 2015).

Ao apresentar possibilidades de criação de materiais didáticos por licenciandos em Artes Visuais, Hofstaetter (2015) expõe o conceito de objetos propositores, entendidos como

elementos de mediação entre sujeitos e produções da arte e da cultura visual, propiciando a experiência estética, a intervenção ativa na construção de pensamento, o posicionamento crítico e o desenvolvimento da imaginação, da fantasia e da capacidade de perceber e interpretar imagens, fatos e fenômenos diversos (HOFSTAETTER, 2015, p.610).

Segundo a autora, o material didático pensado como objeto propositor exige o envolvimento direto do professor e dos alunos, exige ação, de modo que todos são responsáveis pelo que é produzido no processo, na interação. Assim, o objeto é um recurso que facilita esse processo, estando inserido no contexto de uma nova relação entre diversos aspectos, como: professor, aluno, conhecimento e espaço (HOFSTAETTER, 2015). Esses objetos propositores podem ser pensados como uma alternativa para o material didático em seu formato mais tradicional: o livro.

1.3 Materiais didático-pedagógicos de Arte e o professor

Como já apontado, há variadas formas de se enxergar e de se conceber o material didático-pedagógico: como um instrumento ou como um objeto propositor, dentre outras formas. Essas formas de se enxergar o material influenciam o modo como o professor se relaciona com ele quando da intenção de auxiliar no processo de construção de conhecimento do aluno e, ao mesmo tempo, essas mesmas formas são influenciadas por essa relação estabelecida entre professor e material.

Essas influências podem vir a constituir um processo dinâmico em que os conceitos e possibilidades de materiais são explorados, ampliados e revistos pelos professores ou podem se apresentar como um círculo vicioso em que a relação estabelecida entre professor e material tende a estagnação. Assim, tendo em vista que tudo isso afeta o ensino/aprendizagem no geral e em Arte, é pertinente perguntar de que forma os professores de Arte enxergam os materiais didático-pedagógicos e, ainda, de que forma se enxergam em relação aos materiais didático-pedagógicos.

Com o intuito de contribuir para pensar essas questões, é possível trazer algumas observações a respeito da relação dos professores com os livros didáticos de Arte e, com algum cuidado, expandi-las para pensar os materiais em outros formatos, assim como é possível trazer apontamentos levantados em pesquisas de outras áreas de conhecimento.

Denise Valarini aponta que muitos professores enxergam o livro didático não como complemento, mas como referencial pedagógico e bibliográfico. Ela destaca que seria necessário que o trabalho do professor de Arte estivesse “fundamentado em bases mais sólidas, em resultados de estudos, em literatura atualizada nacional e internacional” (VALARINI, 2016, p.24). Essa visão vem de encontro ao caráter instrumental que costuma ser delegado ao livro didático e a “credibilidade” que comumente é creditado ao mesmo, que é visto por uma parte dos professores como um veículo de conhecimento “verdadeiro” e um objeto que oferece “segurança” (SILVA, 2009).

Essa “credibilidade” creditada aos livros didáticos é motivo, inclusive, de sensação de perda de autonomia por parte do professor em certos casos, considerando que o mesmo se sente pressionado a utilizar determinado livro devido a uma política educacional de investimento na aquisição desse material, tido como objeto importante para um ensino de qualidade (FISCARELLI, 2007).

Partindo do pressuposto de que essa sensação de perda de autonomia está relacionada ao investimento realizado na compra do material, é possível pensar que a mesma não se aplica a materiais que chegam às mãos dos professores de outras formas que não a compra, como no caso de materiais fornecidos gratuitamente por instituições culturais.

Observa-se o aumento na produção de materiais direcionados para os professores - material paradidático - oferecidos por instituições pertencentes aos âmbitos público e privado, como museus, bienais e centros culturais. Esse aumento acompanha os investimentos que tem havido nos setores de ações educativas, composto por equipes de mediadores culturais. Desse modo, parte dos materiais paradidáticos fornecidos por essas instituições são produzidos a fim de instigar desdobramentos que contribuam para expandir as reflexões iniciadas nas visitas aos

seus espaços (TEUBER, 2016), o que colabora para difundir os modos de pensar arte dessas instituições.

Como já apontado anteriormente, é possível pensar que os materiais didático-pedagógicos carregam consigo versões de mundo. Essas versões de mundo podem ser pensadas na perspectiva de discursos. Da mesma forma, é possível pensar na perspectiva do discurso aquilo que o professor diz sobre esses materiais. A esse respeito é importante pontuar

que os professores são produtores de um discurso sobre os materiais didáticos, mas que suas práticas discursivas, suas concepções e sua prática docente refletem também outros discursos já ditos sobre esses materiais. Assim, os professores são sujeitos e objetos de discursos, contribuindo para a construção de um “regime de verdade”, mas também gerando novas formas de se olhar para os materiais didáticos, no contexto do cotidiano escolar (FISCARELLI, 2007, p.7).

Essas novas formas de se olhar para os materiais didático-pedagógicos podem ser fruto, inclusive, das próprias contradições existentes entre o que o professor diz sobre esses materiais e a sua prática pedagógica.

A maneira por meio da qual o professor de Arte interaje com os materiais didático-pedagógicos está relacionada à forma com que ele enxerga esses materiais, mas está, também, relacionada à forma como esse próprio professor se vê. Isso porque, dependendo da forma como ele se vê, se enxergará capaz ou não de estabelecer uma relação autônoma de diálogo com esses materiais, considerará ou não que é sua função elaborar e investigar formas de se apropriar deles.

Apesar de enquadrado em uma ampla denominação, “Professor de Arte”, esse indivíduo pode entender a sua atuação de inúmeras formas. Tendo isso em vista, faz-se pertinente apresentar algumas diferentes formas de atuação do professor de Arte, que podem coexistir e se complementar, criando uma também complexa e enriquecedora rede. São essas: o artista-professor, o professor-artista-propositor e o professor-pesquisador. Sobre essas categorias é importante pontuar que não se trata de enquadrar o professor de Arte em alguma delas, mas de utilizá-las como auxílio para refletir sobre a prática docente.

O artista-professor é, segundo Vasconcelos (2007), uma das possibilidades de função do artista-etc. O artista-etc, noção proposta por Ricardo Basbaum (2005), é um artista que incorpora diversos papéis e funções, transitando por outras

instâncias do sistema da arte. Assim, esse artista-etc pode também estar na função de artista-professor, pensando a aula como uma “obrasistema”. Assim:

Numa sala de aula de arte, por exemplo, podemos considerar como elementos ou agentes desta obrasistema o artista-professor e suas proposições (pedagógicas-artísticas), os alunos (espectadores) e suas participações, a sala e seus equipamentos, o meio que a envolve e o contexto como um todo, político, educacional, social, etc. Todos estes agentes interferem-se por retroação; todos se contaminam entre si, modificando-se enquanto significado (VASCONCELOS, 2007, p.795).

Já o conceito de artista-propositor é apresentado por Fernandes (2009) partindo de alguns artistas como Lygia Clark e Hélio Oiticica, que defendiam em sua produção a noção de artista-propositor. Esse artista-propositor seria o artista que, além de apresentar seu trabalho ao público, pensa no processo de interação do público com a obra desde a fase do seu planejamento, propondo uma espécie de coautoria entre o artista e o espectador. Nessa perspectiva, o professor-artista-propositor elabora propostas artísticas que dependam da participação dos seus alunos. Esse professor escolhe as estratégias metodológicas de acordo com a necessidade de seus alunos e busca proporcionar experiências que contribuam para o aprendizado deles (FERNANDES, 2009). Além disso, o professor-artista-propositor deve estar a par de aspectos sociais, políticos, econômicos, comportamentais, culturais e artísticos da contemporaneidade “para que suas propostas tenham embasamento tanto na produção contemporânea como no mundo atual” (FERNANDES, 2009, p.43).

Além do artista-professor e do professor-artista-propositor, há ainda o professor-pesquisador. Para Paulo Freire (2011), o ensino e a pesquisa são aspectos indissociáveis.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indaguei e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2011, p.30).

O professor-pesquisador se coloca de forma curiosa diante do mundo. Ele sabe que sem a curiosidade que move, que inquieta, não se aprende nem se ensina (FREIRE, 2011). Isso porque, é a “curiosidade que nos move e que nos põe

pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos” (FREIRE, 2011, p.33).

Assim como os professores, os alunos também devem assumir-se epistemologicamente curiosos, superando a curiosidade ingênua de modo a transformá-la em curiosidade crítica (FREIRE, 2011). Essa deve permear as relações com tudo que envolve a construção de conhecimento, devendo, também, se fazer presente nas relações estabelecidas com o material didático-pedagógico de Arte.

As interações que o aluno estabelece com os materiais e as mudanças que ocorrem a partir dessa interação dependem tanto da curiosidade do aluno quanto do seu envolvimento, da sua intenção, já que a intenção de quem vai aprender é muito importante para o processo de aprendizagem (DEWEY, 1987). Depende também da noção de pertencimento, de que aquele material é seu, mesmo quando é de uso coletivo, ele “está sendo” seu. Dessa visão vem a possibilidade de o aluno se relacionar com esses materiais de forma honesta e aberta, propondo expansões das temáticas por eles abordadas. Cada aluno se relaciona de forma diferente com a arte e isso se reflete tanto na sua produção quanto nas relações que estabelece com os materiais didático-pedagógicos.

O professor de Arte, enquanto artista-professor e/ou professor-artista-propositor e/ou professor-pesquisador, possui características que podem potencializar a sua ação na elaboração, apropriação e reinvenção de materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

O artista-professor, por exemplo, enquanto alguém que desenvolve suas próprias práticas artísticas, se envolvendo esteticamente com a arte, possui maiores oportunidades de “pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico” (LOYOLA, 2016, p.15). Esse envolvimento estético do professor com a arte auxilia na elaboração de materiais que abordem temáticas importantes para a mesma, como é o caso das técnicas de produção artística. Desse modo, esse artista-professor pode atuar de forma efetiva na apropriação, concepção e utilização dos materiais didático-pedagógicos em sala de aula.

O professor-pesquisador pode, por meio da busca constante e da sua curiosidade crítica, pesquisar variadas fontes de informação, desenvolver suas próprias metodologias e elaborar e construir materiais didático-pedagógicos que dialoguem com as metodologias que desenvolve, considerando que “por metodologia entende-se a construção, por parte do professor, de propostas de aulas e ações a partir do conhecimento dos fundamentos ou premissas de métodos, propostas ou abordagens divulgadas” (PIMENTEL, 2010, p.20).

Já o professor-artista-propositor, sendo alguém que escolhe as estratégias metodológicas que mais se adequem a necessidade dos seus alunos (FERNANDES, 2009), pode elaborar materiais didático-pedagógicos que dialoguem com o cotidiano dos mesmos, já que

Nem sempre um material didático-pedagógico pensado para um grupo de uma determinada região, comunidade ou escola causará interesse em outro grupo, em função da diversidade de culturas e dos costumes. Por isso o Professor é a pessoa mais indicada a pensar, pesquisar e produzir o material didático-pedagógico, articulando-o de acordo com o contexto dos alunos e do lugar (LOYOLA, 2016, p.14).

Assim, os materiais elaborados pelo professor-artista-propositor podem ser potentes em ideias e proposições e ser capazes de sugerir diálogos com a realidade dos alunos, trazendo reflexões que extrapolem o que os próprios materiais traziam como proposta inicial. Isso resulta em uma aula mais produtiva tanto para o professor quanto para o aluno (SILVA; GIORGANI; MENOTTI, 2009).

O professor-artista-propositor, enquanto alguém que propõe interações com obras e práticas pedagógicas de forma aberta, estaria propenso a pensar em materiais que explorem experiências anteriores dos alunos e impulsionem novas experiências. Tem-se que é das experiências anteriores que depende qualquer aprendizado, inclusive em Arte, já que se aprende através da reconstrução da experiência, pois “toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes” (DEWEY, 1971, p.26). Deste modo, sendo afetada por experiências passadas, cada experiência é única. Dois alunos que passam pela mesma situação terão experiências distintas e construirão conhecimento de maneiras diferentes.

Essas experiências que envolvem o contexto escolar, e por vezes os materiais didático-pedagógicos, podem ser pensadas na perspectiva da experiência

significativa, proposta por John Dewey. Segundo o autor, a experiência é resultado da interação entre o ser vivo e as condições ambientais. Porém, muitas vezes, há distração e dispersão nessas experiências de modo a não se constituírem uma experiência significativa. A experiência significativa é completa, como a experiência de ter vivenciado uma tempestade em determinado momento da vida, que faz com que o referencial de tempestade seja sempre aquela tempestade. Para que a experiência, que acontece a todo o momento, seja significativa, é necessário que a mesma tenha qualidade estética (DEWEY, 2010). Essa está “intimamente ligada à experiência de criar e relaciona-se com a percepção. A percepção refere-se a ações de reconstrução, e está intimamente ligada à emoção” (PIMENTEL, 2013, p.97).

Segundo Jorge Larrosa Bondía, outro autor que aborda a questão da experiência, ter uma experiência é diferente de ter informação sobre determinado assunto. A experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LAROSSA BONDÍA, 2017, p.18). O fato de se ter uma informação, somente, não é certeza de se ter uma experiência. Assim, depois

de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou (LAROSSA BONDÍA, 2017, p.19).

Os materiais didático-pedagógicos podem conter diversas informações e essas não ajudarem a proporcionar experiências significativas. Dessa forma, nem as informações nem os materiais em si estarão contribuindo para a construção de conhecimento em Arte, uma construção que, assim como em qualquer outra área de conhecimento, supõe o acesso à informação e a ocorrência de um movimento interno que torne a informação significativa, tornando possível a tomada de decisões com base nos próprios pensamentos e autonomia da vontade (PIMENTEL, 2013).

Considerando a questão da qualidade dos materiais e observando-se ainda outras, como a inadequação de um material ao conteúdo a ser estudado, é possível observar que nem sempre esses materiais são suficientes para proporcionar aos alunos experiências significativas. Eles podem ser utilizados somente como instrumento, objeto, ou podem ser pensados enquanto proposições, ideias e ações a serem desenvolvidas pelos alunos. Apesar disso, é importante destacar que

O material, por si só, não conduz a experiências significativas, já que é essencial a sua associação com as questões estéticas e com os referenciais artísticos pensados para cada proposta, bem como o envolvimento e a subjetividade dos alunos. Além disso, é importante estar atento para a imprevisibilidade da obra e do processo de criação artística (LOYOLA, 2016, p.16).

O professor de Arte, seja enquanto artista-professor e/ou professor-artista-propositor e/ou professor-pesquisador, pode conceber os materiais didático-pedagógicos de modo a observar a importância de se proporcionar aos alunos a fruição, o fazer e a contextualização da arte.

Apesar das dificuldades que o professor pode encontrar para pesquisar e elaborar esses materiais, na medida do possível,

é imprescindível que o Professor elabore metodologias, didáticas e pedagogias nas quais considere as especificidades da arte, da criação e do pensamento artístico no ensino-aprendizagem em Arte, para melhor conduzir as experiências com os alunos de acordo com as condições e estruturas de cada lugar (LOYOLA, 2016, p.99-100).

As noções de artista-professor, de professor-artista-propositor e de professor-pesquisador envolvem características que podem ser agrupadas em um termo mais amplo: o professor/artista/pesquisador. Como professor/artista/pesquisador, o papel de professor de Arte pode envolver o exercício da prática, da pesquisa e do pensamento artísticos, o que estimula e potencializa ideias e ações para o trabalho do professor de Arte (LOYOLA, 2016).

Desse modo, a potência dos materiais didático-pedagógicos enquanto aliados no ensino/aprendizagem em Arte só se concretiza, tornando-os auxílio efetivo na construção de conhecimento, se professores e alunos se apropriarem desses materiais, estabelecendo relações que vão além de considerá-los um simples apoio para o desenvolvimento das aulas.

É preciso pensarmos e agirmos em estratégias que contemplem a complexidade da arte/educação tanto em relação ao artista/professor/pesquisador que aprende enquanto ensina, quanto em relação ao educando, que constrói conhecimentos e vida cultural e pessoal nessa relação. As formas têm que ser múltiplas e criativas (PIMENTEL, 2011, p.767).

Nesse contexto, onde podem ser percebidas diversas formas de se pensar a atuação do professor de Arte, faz-se pertinente pensar a formação desse professor, apontando para a relevância de se instigar a reflexão sobre os materiais didático-pedagógicos já durante essa formação.

Teuber (2016) alerta que é muito frequente que os cursos não destinem tempo suficiente para lidar com a questão dos livros didáticos e que não incentivem os alunos a investigar sobre os materiais didáticos ou paradidáticos existentes. Esse apontamento direcionado mais especificamente para o campo das Artes Visuais e, principalmente, tratando-se do livro didático, pode ser pensado para os outros campos artísticos e para outros materiais que não o livro didático.

Isso para pensar não só a formação de professores, mas o ensino/aprendizagem em Arte na Educação Básica.

Ao considerarmos importante os saberes dos professores sobre os materiais didáticos, abrimos mais um espaço para vermos estes profissionais como sujeitos de sua prática, e portanto capazes de refletir e colaborar com a construção dos saberes que rodeiam a utilização dos materiais didáticos na sala de aula. Desta forma, é importante repensarmos que tanto a formação inicial dos professores quanto as atividades de formação continuada, devem considerar não somente o ideário pedagógico existentes sobre esta utilização dos materiais didáticos como também os saberes e experiências vividos por esses profissionais, na escola (FISCARELLI, 2007, p.1).

Uma possibilidade que está sendo traçada para se pensar a formação do professor de Arte já foi citada anteriormente: a formação de professores/artistas/pesquisadores. A formação de

professores de Arte que sejam aptos a colaborar na tarefa de transformar o conjunto de conhecimentos e experiências em algo apreendido e aprendido como valor. Professores/artistas que sejam capazes de criar, produzir, pesquisar, teorizar, educar, provocar, refletir, construir trajetórias e aceitar desvios (PIMENTEL, 2011, p.767).

O curso de formação inicial pode se constituir solo fértil para despertar no professor tanto a vontade de ser professor/artista/pesquisador quanto a consciência da necessidade de buscar por uma constante formação, não só em cursos de formação continuada, mas participando de atividades artísticas, encontros e discussões da área, frequentando espaços culturais da cidade em que mora e alimentando a sua poética pessoal (VALARINI, 2016).

Por meio do curso de formação é possível, ainda, despertar nos futuros professores a noção de que as ações do professor/artista/pesquisador também podem se formar

na prática diária de sala de aula, desde que o professor planeje e teorize sua prática. É preciso que o professor considere que teoria

não é só o que os outros autores dizem ou escrevem, mas também o que ele próprio pensa sobre sua prática, discute e registra, revendo e renovando constantemente. Aliás, o registro e a divulgação da prática do professor são pontos importantíssimos para o avanço da construção de conhecimentos na área de ensino de Arte (PIMENTEL, 2011, p.766).

A divulgação desses registros, mencionada por Pimentel, permite que os professores conheçam as formas de atuação um dos outros e esclarece que a prática em sala de aula também é momento de criação, reforçando que a ideia de professor/artista/pesquisador não precisa - nem deve - parecer algo distante da realidade do professor.

2 CAPÍTULO II - Materiais didático-pedagógicos de Arte pelos professores

Vários foram os caminhos e as tentativas de contato com as escolas e os professores de Arte da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME/BH), bem como da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais (REE/MG) e de escolas particulares da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Tentou-se esse contato para perguntar sobre interesse em responder ao questionário da pesquisa.

2.1 Contato com os professores

Para obtenção do contato eletrônico dos professores de Arte que trabalham na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte e na Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, foram feitos contatos, via telefone, com funcionários da Secretaria Municipal de Educação (SMED) e da Secretaria de Estado de Educação (SEE), respectivamente. Eles solicitaram alguns documentos institucionais para avaliarem a pertinência da demanda de solicitação dos contatos dos professores de Arte. A solicitação feita à SMED foi respondida através de ofício, autorizando a utilização dos endereços eletrônicos institucionais dos professores, que foram fornecidos por meio de um arquivo digital. Já no caso da solicitação à SEE, foram feitos contatos via telefone e via *email* por diversas vezes, mas não houve resposta referente à solicitação.

Não foi possível saber exatamente qual a quantidade de professores que tiveram acesso ao questionário, devido a diversos acontecimentos que dificultaram o seu processo de distribuição. Foram enviados *emails* com o *link* de acesso ao questionário para todos os contatos incluídos na lista fornecida pela SMED. Porém, cerca de metade dos *emails* não chegaram ao seu destino, sugerindo uma desatualização da lista de endereços eletrônicos. Essa situação se repetiu com mais frequência em relação ao contato de professores de determinadas regionais da cidade de Belo Horizonte, fazendo com que o envio dos *emails* se desse de forma desigual e, conseqüentemente, havendo uma espécie de pré-seleção desses contatos.

Como a lista fornecida pela SMED possuía, além dos endereços eletrônicos, o nome dos profissionais, das escolas e das regionais onde esses trabalhavam, foi

possível buscar na *internet* o telefone das escolas, a fim de tentar outro tipo de contato com os professores com os quais não se conseguiu contato via e-mail institucional. Parte dos contatos telefônicos foi encontrada, mas o acesso a funcionários das escolas só se deu efetivamente em algumas escolas, pois outra parte das ligações não foi atendida e/ou os funcionários estavam realizando paralisação. Faz-se importante observar que, ao longo do período destinado à coleta de dados da pesquisa, ocorreram algumas paralisações e greves, sendo que as mesmas foram realizadas, sobretudo, pelas escolas da REE/MG.

Quando se conseguiu acesso aos funcionários das escolas, foi pedido o endereço eletrônico das mesmas para que o *link* do questionário pudesse ser enviado e eles fizessem a gentileza de encaminhá-lo para o(s) professor(es) de Arte das escolas. Nessa situação, não foi possível saber quais escolas efetivamente encaminharam os *emails* para os professores de Arte.

Em relação aos professores de Arte da REE/MG, considerando a falta de acesso a um arquivo onde constassem os contatos dos professores e a partir da informação fornecida por um dos funcionários da SEE de que a lista de escolas do Estado estava disponível no *site* dessa Secretaria, optou-se por trabalhar a partir dessa lista, onde podem ser encontrados os nomes de escolas municipais e estaduais, públicas e particulares, do Estado de Minas Gerais. Além dos nomes das escolas, havia o endereço eletrônico relativo a parte delas. Tendo em vista isso, foram enviados *emails* para as escolas estaduais que constavam os endereços eletrônicos na lista. Por meio desses *emails*, solicitou-se, de forma semelhante ao que foi feito com as escolas municipais, que o *link* do questionário fosse enviado para o(s) professor(es) de Arte de cada escola.

Além das formas já citadas de buscar contato com os professores de Arte, foram enviados *emails* para alguns professores colegas ou conhecidos de colegas que fizeram a gentileza de me fornecer o endereço eletrônico para envio.

Além disso, foram disponibilizados questionários para professores de Arte que participaram de curso sobre criatividade, arte e educação lecionado pela pesquisadora na instituição onde trabalha. Frisou-se que a participação desses professores na pesquisa era facultativa, sendo possível responder ao questionário

por meio do *link*, fornecido por *email*, ou na versão impressa, fornecido durante o intervalo das aulas do curso.

A identificação dos professores em questionário era facultativa, bem como das escolas onde trabalhavam. Apesar de parte dos professores terem preenchido esses dados, eles não são apresentados neste trabalho, de modo que os professores são diferenciados através de números.

Ao total, obteve-se resposta de 19 professores, sendo que todos eles declararam lecionar o componente curricular Arte. Apesar disso, tendo em vista que um professor declarou trabalhar na Educação Infantil em escola da Rede Municipal, é provável que esse professor não leccione arte no contexto do componente curricular Arte. Optou-se por não excluir as respostas desse professor da análise dos dados por elas não apresentarem grandes discrepâncias se comparadas às respostas dos demais.

Desses 19 professores, 14 preencheram o campo destinado ao nome deles e 13 preencheram o campo destinado ao nome da(s) escola(s) onde trabalha(m), sendo que o preenchimento desses campos era de caráter facultativo. Todos os professores sinalizaram que lecionam o componente curricular Arte em uma escola de Educação Básica há, pelo menos, três meses, sendo essa uma informação condicionante para responder ao questionário e, conseqüentemente, participar da pesquisa.

Perguntados em que tipo de escola lecionam o componente curricular Arte, 14 professores trabalham somente em um tipo de escola, sendo que 8 professores responderam que trabalham somente em escola(s) municipal(is); 4 professores trabalham somente em escola(s) estadual(is); 1 professor trabalha somente em escola(s) particular(es); e 1 professor(a) trabalha somente em escola(s) federal(is). O restante dos professores trabalha em dois tipos de escola: 4 professores trabalham tanto em escola(s) municipal(is) quanto em escola(s) estadual(is) e 1 professor trabalha em escola(s) estadual(is) e escola(s) particular(es). De modo geral, a maioria dos professores que responderam ao questionário, 12 professores, trabalham em escolas municipais, seguidos dos professores que trabalham em escolas estaduais, que são 9 professores.

Duas questões do questionário estavam relacionadas à localização da(s) escola(s) onde leciona(m) o componente curricular Arte. A primeira delas se destinava a indicar em qual cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte se localizava(m) a(s) escola(s) e a segunda se destinava a indicar qual(is) regional(is) da cidade de Belo Horizonte se localizava(m) a(s) escola(s), se fosse o caso. Essas duas perguntas são interessantes para pensar no desgaste físico que o professor pode ter com o deslocamento de uma escola para a outra.

Sobre a localização das escolas em relação à cidade, 13 professores trabalham somente em escola(s) de Belo Horizonte; 2 professores não trabalham em Belo Horizonte, sendo que um trabalha em Ibirité e outro trabalha em Contagem e em Betim; 4 professores trabalham em Belo Horizonte e em outra cidade: Contagem, Ribeirão das Neves, Sabará, Vespasiano. Dos 17 professores que só trabalham em Belo Horizonte, 4 deles trabalham em mais de uma regional. Os 17 professores estão distribuídos da seguinte forma pelas regionais: regional Pampulha (5), regional Venda Nova (4), regional Barreiro (2), regional Centro-sul (2), regional Leste (2), regional Oeste (2), regional Nordeste (2), regional Norte (1), regional Noroeste (1). Reunindo os dados das duas perguntas é possível perceber que pelo menos 9 dos 19 professores trabalham em mais de uma escola.

Sobre essa última informação, é importante pontuar que não se sabe ao certo a quantidade de professores que lecionam em mais de uma escola, pois não constava no questionário nenhuma pergunta que tratasse diretamente dessa informação. A mesma foi inferida por meio da união das respostas que os professores deram em relação ao nome da cidade e ao nome das regionais de Belo Horizonte em que trabalhavam. A incerteza no que se refere à quantidade de escolas em que cada professor trabalha está na possibilidade de que esses professores atuem em mais de uma escola da mesma cidade e/ou em mais de uma escola da mesma regional de Belo Horizonte.

Perguntados em quais etapas e modalidades da Educação Básica lecionam o componente curricular Arte, 11 professores marcaram mais de uma etapa/modalidade, chegando a marcar até quatro delas. A maior parte, 14 professores, leciona para os anos finais do Ensino Fundamental. Também há professores que lecionam para os anos iniciais do Ensino Fundamental (9), para o Ensino Médio (5), para o Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e

Adultos (4), para os anos finais do Ensino Fundamental também na modalidade Educação de Jovens e Adultos (3) e para a Educação Infantil (2).

A respeito de sua formação, 5 dos 19 professores afirmaram que possuem mais de uma formação: 9 professores são licenciados em Artes Visuais; 3 professores são formados em Educação Artística; 1 professor é licenciado em Música e um professor é licenciado em Teatro. Nenhum dos professores é licenciado em Dança. Ainda, 3 professores afirmaram ter outra formação para além das disponíveis para marcação e que foram citadas acima, sendo essas Design Industrial, Comunicação Visual e Bacharelado em Desenho, Gestão em Projetos Culturais e Educação Lúdica. Ainda a respeito da formação, 5 professores afirmaram que possuem outra formação, que não as opções disponíveis no questionário: Belas Artes, Licenciatura em Artes Plásticas, Bacharelado em Artes Visuais, Pedagogia e Magistério, Bacharelado em Artes Visuais com licenciatura posterior. Desses professores, um não especificou qual a formação.

Perguntados quais são as modalidades artísticas que lecionam, 18 professores marcaram que lecionam Artes Visuais e Audiovisuais; 3 professores marcaram que lecionam Dança; 6 professores marcaram que lecionam Música; 5 professores marcaram que lecionam Teatro; 1 professor marcou a opção “outros”, para especificar que “A ênfase é sempre em artes visuais, minha área de formação, mas trabalho jogos teatrais e algumas atividades envolvendo música e dança (superficialmente)” (Professor 8).

2.2 Entendimentos sobre os materiais didático-pedagógicos de Arte

Em relação à importância dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte, todos os professores afirmaram que consideram que os materiais são importantes.

Por perceber que a definição dos professores para os materiais didático-pedagógicos está, na maioria dos casos, diretamente ligada à justificativa que eles apresentaram para a importância desses materiais, optou-se por apresentar as respostas de cada professor lado a lado, na tabela a seguir.

Quadro 1 - Respostas dos professores a duas perguntas do questionário

Professor	Pergunta: Em sua opinião, o que se configura como um material didático-pedagógico de Arte?	Pergunta: Justifique a resposta da pergunta anterior (Os materiais didático-pedagógicos são importantes para o ensino/aprendizagem em Arte?).
1	Qualquer dispositivo que auxilie no ensino/aprendizado de arte.	Sim, pois podem amplificar a experiência da aula de arte.
2	Materiais didático-pedagógicos são aqueles que auxiliam o professor para o enriquecimento de sua aula. Quando pensamos em materiais didático-pedagógicos, num primeiro momento, o que nos vêm à cabeça são sempre LIVROS DIDÁTICOS. No entanto, no caso das aulas de música, por exemplo, podem ser instrumentos musicais (convencionais e não-convencionais); CDs; DVDs; Vídeos; Copos; objetos sonoros diversos; bolas, bambolês... enfim, uma infinidade de materiais que podem ser utilizados para um maior aprofundamento da aprendizagem daquilo que o docente pretende trabalhar com seus alunos.	Se o conceito de "material didático-pedagógico" está sendo atribuído a "livros didáticos", exclusivamente, penso que é um LIMITADOR para as aulas de Arte, pois acabam formatando/padronizando as aulas que, de maneira alguma, deveriam ser dessa forma. No entanto, como expliquei no tópico anterior, penso que materiais didático-pedagógicos vão muito além dos livros, e podem ser pensados como "tudo aquilo que de alguma forma é utilizado pelo professor para auxiliá-lo em suas práticas pedagógicas (como forma de enriquecimento de suas aulas).
3	Um material que dê suporte no dia-a-dia de sala de aula, além de um embasamento teórico para os(as) alunos(as). Este material tem que ter uma visão da arte através da história, dando ênfase às artes contemporâneas. Seria importante que despertasse um olhar de apreciador e crítico de seu tempo real.	Embora não ache o livro didático essencial para as aulas, eles podem servir de suporte para as mesmas. Não encontrei nenhum livro que achasse indispensável, mas percebo que tem melhorado a qualidade dos textos e das abordagens.
4	Livros, imagens, tintas, lápis, tesoura, cola, pincéis, papéis variados, computador, câmera.	Para lecionar arte de forma mais completa precisamos de materiais diferenciados das demais disciplinas visando a produção artística, a fruição e a apreciação artística. Sem os materiais é possível lecionar, mas de forma mais precária.

5	Todo material que possa ser usado e possuído com o intuito de levar o aluno ao conhecimento do mundo da Arte e da Arte como objeto e conhecimento humano. Tanto no conceitual, quanto no físico, é muito diversificado.	O material didático-pedagógico na aula de Arte, é mais que um auxiliar no percurso do aprendizado do aluno, é um <i>link</i> que vai aproximar o aluno da vivência do que é Arte.
6	Materialidade que propicie desenvolver trabalhos práticos de arte.	O fazer artístico fixa o aprendizado e estimula a criatividade humana.
7	Aquele que traz para a sala de aula um diálogo entre a Arte e questões sociais diversas.	Porque serve como referência inicial para estudos e reflexões diversas.
8	Acredito que qualquer material (panfleto, revista, cartaz, CD, DVD, entre outros) além do livro didático e materiais elaborados pelo próprio professor, podem ser usados como material didático.	Qualquer coisa ou material que ajude o aluno a compreender e construir conhecimento pode ser considerado um importante recurso para aprendizagem em arte ou qualquer outra disciplina que componha o currículo escolar.
9	Materiais descartados para serem reutilizados.	Só Deus para criar do nada.
10	Livros, filmes, músicas, materiais variados.	O aluno precisa ter contato com as técnicas estudadas, através de práticas e oficinas.
11	Livro didático, apostilas, <i>internet</i> .	O aluno tem que ter contato com todo tipo de material didático para facilitar a sua aprendizagem.
12	Qualquer objeto, mídia ou meio pelo qual seja possível a expressão artística é potencial material didático.	Através desses materiais a arte pode ser aproveitada, experimentada e compreendida de forma mais orgânica e completa.
13	Livros, textos e materiais para experimentação prática.	Para contextualização.
14	Tudo que possibilita reaproveitar e transformar.	Sim, pela falta de recursos nas escolas.
15	Todo e qualquer material que possa ser transformado ou sofrer transformação e que norteie o trabalho pedagógico.	São essenciais para nortear o processo de ensino/aprendizagem.
16	Instrumento pedagógico com finalidade didática.	Eles auxiliam o educador no processo de ensino-aprendizagem.

17	Todo tipo de material que utilizo para fins didáticos, em sala de aula.	Sem eles eu não teria como dar aula, pois necessito para desenvolver minhas atividades. São materiais que eu mesmo elaboro, com pesquisas na <i>internet</i> . Já os livros didáticos, oferecidos pelo MEC, utilizo muito pouco em sala de aula.
18	Entendo por material didático-pedagógico quaisquer tipos de recursos utilizados em sala de aula, ou mesmo fora dela, com os objetivos de promover e estimular o processo de ensino-aprendizagem. Em minhas aulas, os recursos mais utilizados são materiais e suportes artísticos; músicas e equipamentos de som; imagens, vídeos e equipamentos de projeção ou TV; livros.	Para mim, é quase impossível dar uma aula sem alguns dos materiais listados anteriormente, porque o próprio exercício da Arte exige a materialidade. Como eu me formei em Artes Visuais, não me sinto preparada para dar aulas que usam apenas o corpo como instrumento (gostaria muito desta formação).
19	Configura-se como um instrumento que pode ser utilizado em sala de aula e que deve ser empregado de forma adequada adaptando a realidade de onde esteja atuando.	Sim, são importantes, pois a utilização de materiais didáticos faz com que o aluno se envolva mais e tenha um maior interesse nas aulas.

A respeito de quais materiais didático-pedagógicos utilizam para a elaboração das aulas do componente curricular Arte, 17 professores marcaram que assistem vídeo; 17 professores marcaram que utilizam livro didático; 17 professores marcaram que fazem uso da *internet*; 11 professores usam DVD; 11 professores consultam materiais didático-pedagógicos desenvolvidos por equipamentos culturais, 8 professores usam CD; 7 professores fazem uso de apostila; 3 professores marcaram a opção outros. Esses professores afirmaram que utilizam materiais elaborados por eles mesmos, livros paradidáticos e materiais desenvolvidos por alunos da Escola Guignard, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Foi pedido para acrescentarem exemplos de materiais didático-pedagógicos que utilizam para a elaboração das aulas de Arte. Os materiais citados, além dos já marcados nas respostas, foram: materiais cartográficos, instrumentos musicais, livros de literatura, *audiobooks*, filmes, curtas, ilustrações, textos, imagens de revistas, jornais, fotografias, livros, celulares, páginas de história da arte e de museus, imagens de

obras de arte, “vídeos explicativos de ‘como fazer’ determinada técnica” (Professor 4), *sites* de museus virtuais, *xerox*, reciclados, planos de aula de Arte e artigos científicos encontrados na *internet*, computador.

Já em relação aos materiais didático-pedagógicos utilizados durante as aulas do componente curricular Arte, 17 professores marcaram que utilizam o vídeo em aula; 12 professores fazem uso da *internet*; 11 professores utilizam livro didático; 9 professores fazem uso de CD; 9 professores fazem uso de DVD; 9 professores utilizam materiais didático-pedagógicos fornecidos por equipamentos culturais; 5 professores fazem uso de apostila; e 5 professores marcaram a opção “outros”. Esses professores afirmaram que utilizam: *audiobooks*; materiais elaborados por eles mesmos; tintas, canetas e papéis; materiais desenvolvidos por alunos da Escola Guignard. Foi pedido para acrescentarem exemplos de materiais didático-pedagógicos que utilizam durante as aulas de Arte. Os materiais citados como exemplo, além dos já marcados nas respostas, foram: copos, bolas, bambolês, objetos sonoros diversos, instrumentos musicais diversos (tradicionais e alternativos), livros de literatura, *audiobooks*, filmes, curtas, ilustrações, textos, imagens de revista, jornais, fotografias, livros, celulares, imagens de obras de arte, atividades elaboradas em folhas, música, poesias, *xerox*, tintas, canetas, lápis papel, quadro branco, equipamento de som, computador com projetor, gravuras, cartazes, plantas, revistas, recortes, sementes, fotografias, murais, calendários.

Perguntados de que forma se dá a escolha dos materiais didático-pedagógicos que utilizam na elaboração e durante as aulas, 13 professores responderam que selecionam os materiais que consideram que mais se adequam ao contexto dos alunos deles; 11 professores responderam que selecionam os materiais que mais se adequam aos anos escolares em que lecionam; 3 professores responderam que utilizam todos os materiais disponíveis; 1 professor selecionou a opção “outros” e especificou que “escolho os materiais que tornam mais fácil o entendimento da matéria e os que são disponíveis, considerando os recursos da escola e os meus” (Professor 12) . Dos 19 professores, 7 marcaram mais de uma opção disponível como resposta, sendo que dois deles marcaram todas as três primeiras opções: que utiliza todos os materiais disponíveis, que seleciona considerando a adequação aos anos escolares, que seleciona considerando a adequação ao contexto dos alunos.

Tratando-se da forma como os professores se relacionam com esses materiais didático-pedagógicos de Arte, 17 professores afirmaram que apropriam-se dos materiais didático-pedagógicos disponíveis, adaptando-os; 12 professores afirmaram que elaboram/constroem seus próprios materiais didático-pedagógicos; 4 professores afirmaram que preparam e desenvolvem a aula seguindo as orientações dos materiais didático-pedagógicos; 1 professor marcou a opção “outros” e escreveu “livros, xerox, reciclados, etc.” (Professor 11). Dos 19 professores, 10 deles marcaram que tanto se apropriam dos materiais disponíveis, adaptando-os, quanto elaboram/constroem os próprios materiais.

Já em relação à forma como os alunos se relacionam com os materiais didático-pedagógicos, 12 professores consideram que eles se apropriam dos materiais didático-pedagógicos ofertados pela escola e pelo professor, propondo diferentes formas de utilizá-los; 5 professores consideram que eles seguem as orientações fornecidas pelos materiais didático-pedagógicos e três professores selecionaram a opção “outros” para especificar que “Não sei dizer especificamente” (Professor 6); “As duas situações acima acontecem no cotidiano da sala de aula. Algumas vezes os alunos se limitam a atividade proposta. Outras vezes “extrapolam” e criam suas próprias “regras.” (Professor 8); “Normalmente, eles seguem as orientações e algumas vezes, dão sugestões de utilização” (Professor 16). Sobre essa questão faz-se importante observar que não foi dada a possibilidade de o professor marcar mais de uma alternativa. Apesar de não haver, no enunciado da questão, a indicação de que era possível marcar mais de uma opção, 1 professor marcou duas opções: que os alunos se apropriam dos materiais e que seguem as orientações desses. Isso foi possível, pois o mesmo respondeu versão impressa do questionário, que não tinha a limitação explicitada.

2.3 Considerações sobre os entendimentos dos professores

De modo geral, observa-se que a maior parte das respostas dos professores para a pergunta sobre como se configura um material didático-pedagógico para o ensino/aprendizagem em Arte se deu em torno da ideia do material como um auxílio, um apoio para a prática pedagógica. Essa concepção pode ser observada por meio de expressões como: “auxiliam o professor para o enriquecimento de sua aula”

(Professor 2), “um material que dê suporte no dia-a-dia de sala de aula” (Professor 3) e “um instrumento que pode ser utilizado em sala de aula” (Professor 19).

Sobre as formas desses materiais didático-pedagógicos, é possível observar que, de modo geral, os professores buscaram tratá-lo genericamente, sem defini-los como algo específico. As exceções se concentram nos professores que responderam à questão citando exemplos de materiais, em vez de buscar elaborar uma definição para eles. Isso pode ser percebido em expressões como: “qualquer dispositivo” (Professor 15), “todo e qualquer material” (Professor 12) e “qualquer objeto, mídia ou meio” (Professor 1).

Alguns professores destacaram “qualidades” que consideram que os materiais deveriam apresentar para se configurarem como materiais didático-pedagógicos que não se restringem ao apoio para as aulas. Foram citadas: a necessidade de apresentar “uma visão da arte através da história, dando ênfase às artes contemporâneas” (Professor 3); a importância que esse material “despertasse um olhar de apreciador e crítico de seu tempo real” (Professor 3); de ser “um *‘link’* que vai aproximar o aluno da vivência do que é Arte” (Professor 5); ser capaz de trazer um “diálogo entre a Arte e questões sociais diversas” (Professor 7); ser uma “referência inicial para estudos e reflexões” (Professor 7); ser um material “que possa ser transformado ou sofrer transformação” (Professor 15). Desses trechos é possível extrair algumas preocupações em relação aos materiais a serem utilizados, como: o caráter mutável, flexível e interativo; a necessidade de despertar reflexões nos alunos e manter um diálogo com a atualidade e com o contexto onde esses estão inseridos. Faz-se interessante pontuar que essas preocupações também foram percebidas na fala de professores entrevistados durante a pesquisa.

Tanto nas definições de materiais didático-pedagógicos quanto nas justificativas sobre sua importância, podem-se encontrar respostas relacionando diretamente a utilização dos materiais a atividades práticas voltadas para o ensino/aprendizagem em Arte. Essa presença da associação de materiais didático-pedagógicos com atividades práticas pode indicar, indiretamente, um reconhecimento, por parte dos professores, da importância do fazer artístico no aprendizado em Arte.

Em relação à forma como se dá a escolha dos materiais didático-pedagógicos, é possível destacar a resposta de um professor que, além de marcar a opção de que seleciona os materiais considerando os que mais se adequam ao contexto dos seus alunos, marcou a opção “outros” e especificou “Escolho os materiais que tornam mais fácil o entendimento da matéria e os que são disponíveis considerando os recursos da escola e os meus” (Professor 12).

Em relação aos recursos disponíveis nas escolas, é interessante observar a variedade de tipos de escolas e as diferentes localizações informadas pelos professores que responderam ao questionário. Tanto a pergunta sobre o tipo de escola onde se leciona o componente curricular Arte quanto as perguntas a respeito da localização dessas escolas podem ser tomadas como ponto de partida para se pensar a influência que o contexto pode ter não só na escolha dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte, mas também na elaboração e no uso dos materiais pelos professores.

As escolas municipais, estaduais, federais e particulares pertencem a contextos diferentes, que refletem a quantidade de recursos financeiros disponíveis o investimento em materiais didático-pedagógicos e em estrutura física que possibilite a utilização de determinados materiais é diferente.

No caso da pesquisa, o foco não está na análise da percepção dos professores em relação à influência do contexto de cada Rede Educacional na elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos por eles. Para isso seriam necessárias perguntas mais direcionadas ao assunto, além de um volume maior de respostas dos professores. Apesar disso, é possível inferir, de uma forma mais geral, a influência do contexto das escolas nas etapas de elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos a partir da resposta do professor, já citada acima, à pergunta do questionário. Essa percepção se reafirma a partir de situações presenciadas durante a observação das aulas de alguns professores.

Foi percebido, durante a observação das aulas, o impacto que a presença ou ausência de aparatos tecnológicos e outros objetos podem ter na forma de utilização dos materiais didático-pedagógicos escolhidos pelos professores. Em cada escola havia uma realidade diferente em relação à disponibilidade e possibilidade de uso dos materiais.

Situações bem distintas foram observadas durante as aulas. Um exemplo é quanto à exibição de vídeos e imagens, que se deu de forma diferente nas aulas de cada uma das escolas observadas. Em uma delas os alunos eram direcionados para um pequeno auditório, onde a exibição do vídeo era realizada em uma grande tela. Em outra, a professora se deslocava para as salas de aula de cada turma portando um computador e um projetor, por meio do qual os vídeos eram projetados no quadro branco da sala de aula. O projetor era disponibilizado pela escola e o computador era de propriedade da professora. Nessas salas de aula havia a possibilidade de utilização da *internet*. Observou-se que esse recurso permitia que a professora buscasse vídeos e imagens durante a própria aula, de modo a alterar os materiais utilizados de acordo com as demandas que os alunos apresentavam. Em outra escola, o professor fazia esse mesmo movimento de se deslocar de sala em sala portando computador e projetor, sendo que o professor optou por fazer a aquisição desses dois equipamentos, além de uma caixa de som, como informado pelo mesmo.

A aquisição dos seus próprios equipamentos, seja de forma total ou de forma parcial, se deu, segundo os professores, por dois motivos. Um deles seria a praticidade proporcionada pelo fácil acesso aos aparelhos e pela possibilidade de manter todos os arquivos necessários já no próprio computador. O outro deles seria a dificuldade encontrada no revezamento com professores de outros componentes curriculares da escola, já que a quantidade de equipamentos disponíveis nem sempre atendia à demanda.

Em relação à projeção, observou-se que as imagens projetadas no pequeno auditório de uma das escolas eram maiores em dimensão e com melhor definição; as imagens projetadas pela professora com o equipamento da escola eram menores que as do pequeno auditório, mas maiores e com melhor definição que as imagens projetadas pelo equipamento do próprio professor, que eram de formato menor e pior definição. A qualidade do som também se diferenciava quando comparado o áudio do vídeo reproduzido na sala de aula e o áudio reproduzido no pequeno auditório. Esse é um ponto muito importante e ainda assim por vezes negligenciado no ensino/aprendizagem em Arte: as proporções e/ou a qualidade de imagens, vídeos e áudios a serem disponibilizados aos alunos no contexto das aulas de Arte.

No caso das imagens, essa interferência que a forma de apresentação tem na sua visualização é algo que impacta a observação dessas em qualquer contexto, não se limitando somente ao ambiente de sala de aula. Ela pode ser percebida em diversas imagens, como em uma pintura exibida em uma exposição ou em um cartaz publicitário ou, ainda, em uma imagem disponibilizada na *internet*. Apesar dessa influência da qualidade e proporção das imagens em todas as situações do cotidiano, nota-se que nem sempre é dada a devida importância a esses aspectos quando da exibição de uma imagem em sala de aula.

Em todas as disciplinas é importante pensar e proporcionar formas de garantir uma observação adequada e consequente análise e/ou fruição das imagens, vídeos e áudios apresentados aos alunos. Porém, no ensino de Arte, essa necessidade ganha ainda mais importância, já que muitas vezes essas são as únicas formas dos alunos terem acesso a produções artísticas que não circulam pela grande mídia.

As imagens podem ser pensadas como alternativa para a impossibilidade de se ter contato com uma pintura ou uma escultura, por exemplo. Já o vídeo é recurso imprescindível para o aprendizado em audiovisual. Os vídeos também podem ser pensados como alternativa para a impossibilidade de se assistir a um espetáculo de dança, uma apresentação de teatro ou de uma banda musical. Até mesmo no caso das artes visuais, os vídeos são importantes para o entendimento de determinadas formas de expressão, como é o caso de algumas obras cinéticas, performances e instalações em que a simples exibição de registros fotográficos das obras ou a descrição delas não são suficientes para entender do que se tratam as mesmas. Os vídeos podem ser utilizados, ainda, para apresentar artistas e outros profissionais das diversas áreas artísticas.

Quando da inexistência de equipamentos para a exibição e reprodução de imagens, vídeos e áudios, a variedade de materiais e estratégias didáticas possíveis de serem utilizadas no ensino/aprendizagem em Arte se reduzem consideravelmente. Quando da existência precária desses equipamentos, a observação, análise e/ou fruição dos materiais a serem exibidos ou reproduzidos se veem prejudicadas. Nas artes visuais, por exemplo, uma mudança na nitidez, nas cores ou no tamanho pode impactar radicalmente na percepção que se tem da imagem.

E não se trata apenas da questão dos equipamentos utilizados diretamente para a exibição/reprodução dessas imagens e vídeos. Detalhes simples, como a ausência de cortina em algumas das salas de aula, chegaram a prejudicar bastante a visualização das imagens em uma das aulas observadas.

A indisponibilidade de materiais e recursos na escola pode se constituir uma das explicações para o fato de os professores, de modo geral, terem reduzido a variedade de materiais utilizados durante as aulas se comparado aos materiais usados para a elaboração das mesmas. Essa queda na variedade de materiais didático-pedagógicos pode ser observada a partir da quantidade de vezes que cada material foi marcado: 17 professores marcaram que fazem uso da *internet* para a elaboração das aulas e 12 professores marcaram que fazem uso da *internet* durante as aulas; 17 professores marcaram que utilizam livro didático para a elaboração das aulas e 11 professores marcaram que utilizam livro didático durante as aulas; 11 professores usam DVD para a elaboração das aulas e 9 professores usam DVD durante as aulas; 11 professores consultam materiais didático-pedagógicos desenvolvidos por equipamentos culturais para a elaboração das aulas e 9 professores consultam materiais didático-pedagógicos desenvolvidos por equipamentos culturais durante as aulas; 7 professores fazem uso de apostila para a elaboração das aulas e 5 professores fazem uso de apostila durante as aulas. As exceções para essas diminuições estão: na opção “vídeo”, que se manteve com 17 marcações; na opção “CD”, que aumentou de 8 para 9 marcações e na opção “outros”, que aumentou de 3 para 5 marcações.

Mesmo se comparado individualmente às marcações dos professores, considerando também o que esses especificaram na opção “outros”, é possível perceber que, na maioria dos casos, a variedade de materiais utilizados diminui da elaboração dos materiais para durante as aulas. Sem desconsiderar que essa queda na variedade é parcialmente resultante do processo de seleção que os professores fazem dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte, é possível relacioná-la à realidade das escolas.

Para a elaboração das aulas, os professores podem utilizar não só recursos e materiais disponíveis na escola, mas também recursos e materiais pessoais, já que parte do tempo destinado ao planejamento das aulas pode se dar fora da escola. Assim, mesmo que não haja computadores, *internet* ou livros sobre determinados

assuntos na escola, situação que não é ideal, é possível que os professores tenham acesso a isso em outros ambientes, como em uma biblioteca ou em sua casa, por exemplo.

Em se tratando de materiais utilizados durante as aulas, a situação é diferente. No caso de certos materiais, como arquivos digitais de imagens e vídeos, por mais que os professores levem para a sala de aula os arquivos, não é possível exibi-los se não houver equipamentos que viabilizem isso, como computador e projetor. Já materiais para serem utilizados em atividades práticas, como lápis de cor, papéis e tintas, muitas vezes não estão disponíveis na escola, não sendo tarefa do professor adquirir, com recursos próprios, esses materiais para os alunos. O mesmo se aplica a quaisquer outros materiais ou equipamentos a serem usados em sala de aula.

Os dados referentes à utilização de vídeos e livros didáticos se destacam quando comparados aos demais. No caso do vídeo, percebe-se que há um número expressivo, 17 professores, que utilizam vídeos para a elaboração das aulas e durante essas. No caso dos livros didáticos, percebe-se que há uma queda expressiva de professores, de 17 para 11, que utilizam os materiais para a elaboração das aulas e durante essas, respectivamente.

Algo que poderia explicar essa grande utilização de vídeos para a elaboração das aulas está no fato de ser possível encontrá-los facilmente no ambiente virtual e, em específico, na *internet*. Nessa pode ser encontrada grande variedade de conteúdos relacionados à arte, como: vídeos sobre vida e obra de artistas; vídeos sobre movimentos artísticos ou; ainda, como pontuado por um professor ao responder o questionário, “vídeos explicativos de ‘como fazer’ determinada técnica” (Professor 4). Estando na *internet*, esses vídeos podem ser acessados em dispositivos portáteis, permitindo que a preparação das aulas possa se dar em um número maior de ambientes, fazendo com que alguns momentos do dia-a-dia do professor possam ser aproveitados para isso. O mesmo pode ser pensado para textos, artigos e outros conteúdos disponíveis na *internet*, como é o caso de sites de museus virtuais, citados por um dos professores ao responder o questionário. Sobre esses momentos, destaca-se que essa maior facilidade de acesso a materiais para planejamento das aulas não justifica impor ao professor um volume de trabalho não condizente com as atribuições do seu cargo.

Além dos vídeos acessados diretamente por meio da *internet*, vídeos acessados por outros meios provavelmente são utilizados para a elaboração e durante as aulas. Isso porque o número de professores que sinalizaram que utilizam vídeo nos dois momentos se manteve e o número de professores que sinalizaram que utilizam a *internet* nesses momentos caiu da elaboração das aulas para durante essas, apesar de a *internet* continuar sendo um dos itens mais utilizados pelos professores em ambos os casos.

Em se tratando do livro didático, faz-se interessante observar que 17 dos 19 professores afirmaram utilizar o livro didático para a elaboração das aulas.

Já sobre o uso durante as aulas, 11 professores afirmaram que utilizam o livro didático. Isso pode sinalizar que os professores não utilizam o livro didático na sala de aula por opção ou porque não há livros didáticos disponíveis para os alunos. Nesse último caso, os professores podem utilizar livros didáticos do próprio acervo como material de consulta para a elaboração das aulas, caso os possuam.

Independentemente do motivo da não utilização dos livros em sala de aula, chama a atenção o fato de que 6 entre 17 professores os utilizam somente para consulta. De modo geral, nesses livros é possível encontrar textos, orientações de atividades, indicações de materiais em mídias diversas e orientações didáticas, quando acompanhado de manual do professor. A princípio, esses materiais são produzidos a fim de se constituírem, primordialmente, material de estudo para alunos da Educação Básica. No contexto em que se inserem esses 6 professores, provavelmente o livro didático é utilizado como material de estudo primordialmente dos professores, já que o estímulo ao uso do livro pelos próprios alunos se vê reduzido quando o mesmo não é utilizado em sala de aula, mesmo que esses o tenham para uso em suas casas.

O fato de o livro didático já ser uma seleção da imensa variedade de conteúdos que envolvem o ensino/aprendizagem do componente curricular Arte, pode explicar a utilização dele como uma das fontes para pensar as aulas sem que, necessariamente, esse seja utilizado diretamente durante as mesmas. Já fazendo essa “primeira seleção”, o professor fica responsável por fazer uma “segunda seleção”, o que de certa forma facilitaria o planejamento diário do professor. Além disso, a utilização do livro didático em sala de aula demanda um tempo maior do que

se o professor utilizá-lo como referência sem introduzir seu uso diretamente em sala aula.

Considerando que a maior parte dos professores que responderam ao questionário alega trabalhar em escolas públicas e sendo o tempo destinado à Arte nessas escolas um tempo normalmente muito curto, 1 hora/aula, o tempo de leitura e interpretação dos textos pelos próprios alunos se vê prejudicada. Essa falta de tempo para conhecer e entender o livro didático e as informações que ali constam, que seria o ideal para o professor que opte por utilizá-lo, pode acabar dificultando sua utilização, fazendo com que o professor decida por apresentar somente as ideias ou instruções de atividades sem que o aluno recorra diretamente ao livro.

Ainda sobre os materiais utilizados no contexto do ensino/aprendizagem em Arte, destaca-se a resposta de um professor que afirmou utilizar, tanto para a elaboração quanto durante as aulas, materiais elaborados por ele mesmo. Essa atividade de elaborar os próprios materiais aparece não só nessas respostas sobre a elaboração e a utilização desses, mas também na resposta que o professor dá sobre o que seria um material didático-pedagógico. Isso também aparece na justificativa que outro professor dá sobre a importância desses materiais, ao afirmar que os elabora com pesquisas na *internet*.

Somente esses dois professores indicaram que elaboram os próprios materiais em perguntas abertas. Apesar disso, um número expressivo de professores, 12 dos 19, marcou a opção que elabora/constrói seus próprios materiais didático-pedagógicos, quando perguntados sobre como se relacionam com esses materiais. Para essa mesma pergunta, 17 professores responderam que se apropriam dos materiais didático-pedagógicos disponíveis, adaptando-os. Considerando que desses 17 professores, 10 deles também marcaram a opção de que elaboram/constróem seus próprios materiais, pode-se perceber que há uma relação estreita entre esses dois processos, sendo possível, inclusive, que a elaboração desses materiais se dê por consequência dessa adaptação. Dando-se, assim, uma quase “mistura” da adaptação com a criação de algo novo, sintetizada pelo ato de transformar.

Ainda a respeito dessa pergunta, 4 professores afirmaram que preparam e desenvolvem a aula seguindo as orientações dos materiais didático-pedagógicos.

Desses 4 professores, 3 também marcaram outras opções já citadas, sendo que um professor marcou todas as disponíveis, exceto “outros”. Isso causou certo estranhamento, já que quando da formulação dessa pergunta, pensou-se que quem marcasse a opção de que segue as orientações dos materiais não marcaria a opção de que se apropria desses materiais, adaptando-os. Isso porque, a princípio, as duas formas de se relacionar com os materiais são excludentes, uma vez que supõe-se que quem segue à risca as orientações de determinado material não usa de autonomia para criar a partir dele.

Durante uma das entrevistas, a entrevistada apontou o fato de diversos professores de Arte lecionarem em mais de uma escola como possível justificativa para essas marcações, a princípio, contraditórias. Podendo vivenciar situações bastante diversas em cada uma das escolas, os professores seriam obrigados a ter comportamentos diferentes frente ao material didático-pedagógico em cada uma delas. Isso pode ser pensado também para momentos e propostas didáticas distintas no contexto de uma mesma escola.

Lecionar Arte em mais de uma escola não é algo atípico. Se considerado que cada turma costuma ter uma aula de Arte por semana, é necessária uma quantidade de turmas relativamente grande na escola para que a carga horária seja cumprida integralmente em uma só. Como já foi dito, trabalhar em mais de uma escola é a realidade de pelo menos 9 dos 19 professores que responderam ao questionário. Acrescentando-se a isso o fato de 11 dos 19 professores lecionarem em mais de uma etapa/modalidade diferente, o que amplia a diversidade de contextos vivenciados por esses, é coerente pensar que os professores podem assumir comportamentos diferentes frente aos materiais didático-pedagógicos, sendo esses comportamentos dependentes da escola onde trabalham e da etapa/modalidade para a qual lecionam.

O comportamento dos alunos frente ao material didático-pedagógico de Arte também pode variar de acordo com a escola e com a etapa/modalidade em que eles estão. Além disso, ele pode variar dependendo do material e do momento da aula, fazendo com que uma mesma turma possa se relacionar de duas formas diferentes com os materiais didático-pedagógicos. Como já mencionado, a maior parte dos professores (12) considera que os alunos assumem um comportamento propositivo frente ao material didático-pedagógico, se apropriando e propondo diferentes formas

de utilizá-los. Outra parte dos professores (5) considera que os alunos seguem as orientações fornecidas pelos materiais, assumindo um comportamento menos propositivo. A diferença numérica significativamente alta entre as duas opções marcadas não necessariamente indica que a grande maioria dos alunos assuma sempre um comportamento ativo frente aos materiais.

Outra explicação para essa grande diferença poderia ser o fato de muitos professores incluírem materiais voltados para a realização de atividades práticas, como lápis e papel, nas definições e exemplos de materiais didático-pedagógicos. Como a própria prática pressupõe o ato criativo e a transformação ativa da matéria, é explicável que os alunos assumam um comportamento propositivo frente à mesma.

Há, ainda, a possibilidade de os professores terem selecionado a relação que consideram predominante entre as duas citadas sem que uma relação descarte a outra, já que o questionário *online* permitia somente uma marcação. Isso explicaria a necessidade que dois professores tiveram de especificar que as duas situações ocorrem, afirmando que: “As duas situações acima acontecem no cotidiano da sala de aula. Algumas vezes os alunos se limitam à atividade proposta. Outras vezes ‘extrapolam’ e criam suas próprias ‘regras’.” (Professor 8); e “Normalmente, eles seguem as orientações e algumas vezes, dão sugestões de utilização” (Professor 16).

As percepções dos professores no que tange à relação dos alunos com os materiais didático-pedagógicos apontam para a existência de relações dinâmicas em sala de aula, que poderiam mudar por variados fatores, como o “momento da aula” ou o interesse que esses materiais despertam. Apesar dessas possibilidades, observa-se que a maioria dos professores sugere o predomínio de interações mais autônomas entre alunos e materiais.

3 CAPÍTULO III - Elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos de Arte

Quando do preenchimento do questionário, os professores indicaram se tinham interesse ou não em participar da entrevista. Assim, a seleção dos professores entrevistados se deu, primeiramente, a partir da disponibilidade deles.

Dentre os professores que manifestaram interesse, selecionou-se parte deles a partir das respostas do questionário. Para isso foram considerados os que apresentaram respostas potentes para se pensar as relações que professores e alunos estabelecem com os materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte e que não haviam sido exploradas em sua totalidade somente por meio do questionário.

Além disso, buscou-se selecionar professores considerando a região onde está(ão) localizada(s) a(s) escola(s) em que trabalham. Como a maior parte dos professores que respondeu ao questionário trabalha em Belo Horizonte, optou-se por entrar em contato com os que trabalham em diferentes regionais dessa cidade. Nem todos os professores com os quais se buscou contato via e-mail retornou ou reafirmou o interesse em participar da entrevista, o que fez com que houvesse uma diversidade menor que a esperada no que tange à localidade das escolas.

3.1 O que os professores dizem

Diante do exposto acima, 5 professores de Arte foram entrevistados, sendo que 3 consentiram em ter algumas de suas aulas observadas. A partir desse momento, esses professores serão citados com os nomes de Azul, Magenta, Laranja, Lilás e Verde¹², sendo que os três primeiros tiveram suas aulas observadas e os dois últimos não.

As entrevistas duraram em média 30 minutos e tiveram como referência três temas geradores: a elaboração dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte, a escolha dos materiais, elaborados pelo professor

¹² Os professores Azul, Magenta, Laranja, Lilás e Verde correspondem, respectivamente, aos professores 4, 19, 1, 12 e 17 do capítulo anterior. As cores foram escolhidas a partir de impressões que se teve a respeito da personalidade de cada um dos entrevistados.

ou não, e o uso deles. Já o tempo de observação das aulas variou, pois dependia da disponibilidade dos envolvidos e das circunstâncias de cada escola.

Houve o acompanhamento de 5 horários de aula da professora Azul (2 turmas de sétimo ano, 1 turma de oitavo ano e 2 turmas de nono ano), distribuídos em dois dias; de 6 horários do professor Laranja (2 turmas de sétimo ano, 2 turmas de oitavo ano, 2 turmas de nono ano), também distribuídos em dois dias; de 7 horários da professora Magenta (3 turmas de sexto ano, 2 turmas de sétimo ano e 2 turmas de oitavo ano), também distribuídos em dois dias.

As entrevistas foram registradas por meio de gravação de áudio. Já a observação das aulas foi registrada por meio de anotações manuais, já que outro tipo de registro dependeria da autorização dos responsáveis por cada aluno presente nas aulas observadas.

A seguir, algumas informações relevantes sobre os professores e o contexto profissional onde se inserem serão expostas antes de se adentrar propriamente nas contribuições que esses trazem para a pesquisa.

Azul foi a primeira professora a ser entrevistada. Ela trabalha em uma escola municipal localizada na regional Barreiro, onde leciona Arte para turmas de sétimo, oitavo e nono ano do Ensino Fundamental II, além de lecionar aulas de coral para os alunos interessados.

O segundo professor entrevistado, Laranja, trabalha na região da Pampulha, em uma escola municipal, lecionando para alunos do sexto, sétimo, oitavo e nono ano do Ensino Fundamental II.

A terceira entrevistada foi a professora Magenta, que leciona em três escolas. Uma delas, particular, se localiza na regional Pampulha, onde leciona para os Ensinos Fundamentais I e II e também para o Ensino Médio, em todos os anos escolares. Ainda na regional Pampulha, Magenta leciona em uma escola estadual para alunos do sexto, sétimo e oitavo anos do Ensino Fundamental II e também para alunos do terceiro ano do Ensino Médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). A professora trabalha, ainda, em uma escola estadual localizada na cidade de Ribeirão das Neves, onde leciona para o oitavo e nono anos do Ensino Fundamental II e para o primeiro, segundo e terceiro anos do Ensino Médio. Foi

somente na segunda escola mencionada, escola estadual da regional Pampulha, que se deu a observação das aulas de Arte.

Lilás foi a quarta professora entrevistada. Ela leciona em uma escola estadual da regional Barreiro, para alunos do sexto, sétimo, oitavo e nono anos do Ensino Fundamental II.

O quinto entrevistado foi o professor Verde, que trabalha em uma escola estadual da regional Oeste, lecionando para alunos do sexto, sétimo, oitavo e nono anos do Ensino Fundamental II, além de lecionar para alunos do Ensino Fundamental II na modalidade EJA.

Observando-se os diferentes comportamentos dos professores frente ao ensino de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, torna-se evidente a necessidade de garantir, em todas as escolas, professores com formação específica em cada um desses campos artísticos, de modo a extinguir, definitivamente, a prática da polivalência. Só assim será possível caminhar rumo a um ensino de efetiva qualidade em todos os quatro campos e propiciar projetos interdisciplinares com qualidade.

Ao longo das observações e entrevistas, bem como da análise das respostas ao questionário, percebeu-se que os 5 professores possuem perfis bastante diversos. Azul possui formação em Licenciatura em Artes Visuais, além de possuir conhecimentos de canto coral. Em questionário, afirmou lecionar artes visuais e audiovisuais, mas durante a observação das aulas pôde-se perceber que também leciona conteúdos de dança e de música, principalmente a partir dos seus conhecimentos de canto, já mencionados.

Laranja também possui formação em Licenciatura em Artes Visuais e desenvolve uma produção artística pessoal, com destaque para a pintura. Ele leciona artes visuais e audiovisuais. Também disse, em entrevista, que já “esboçou” um pouco de teatro e trouxe a música para a sala de aula como um “objeto” da aula, uma referência, e não com a ideia de musicalização.

A professora Magenta possui formação em Educação Artística. No questionário, afirmou lecionar artes visuais e audiovisuais. Porém, em entrevista, acrescentou que trabalha com as quatro áreas, artes visuais, dança, música e teatro, apesar de essas últimas não serem especialidade dela. Esclareceu que quando

aborda conteúdos relacionados à música, por exemplo, não trabalha com questões técnicas, e considera o ensino do teatro um grande desafio.

A professora Lilás é outra professora que possui formação em Licenciatura em Artes Visuais, além de uma breve experiência em teatro, não especificada pela entrevistada. Ela desenvolve produção artística a partir do desenho. Assim como outros professores, respondeu em questionário que leciona artes visuais e audiovisuais, tendo explicado em entrevista que foca nas artes visuais, por ser sua especialidade, mas que também tenta abordar conteúdos de outras áreas artísticas de modo não aprofundado. A professora busca usar as artes visuais como ponto de partida para se chegar às outras áreas, por essa ser “de onde ela sabe falar”.

Verde é o único professor que possui formação em Licenciatura em Teatro. Ele leciona artes visuais e audiovisuais, música e teatro, tendo acrescentado em entrevista que também trabalha com literatura, por possuir afinidade com essa. Ele pesquisa literatura em seu doutorado e desenvolve uma produção artística voltada para a criação de contos, apesar de não se considerar escritor.

Cada um desses professores possui à sua disposição materiais, equipamentos e espaços diferentes, sendo impactados de diferentes formas quanto às possibilidades e às limitações impostas ao planejamento das aulas e, conseqüentemente, à escolha e ao uso de materiais didático-pedagógicos.

A professora Lilás, assim como o professor Verde, possui à sua disposição as salas de aula de cada turma para as aulas de Arte. Além disso, ambos possuem a possibilidade de utilizar sala específica para uso de recursos audiovisuais, estando essa utilização atrelada à disponibilidade, devido a mesma ser compartilhada com professores de outros componentes curriculares.

A professora Azul também possui à sua disposição as salas de aula de cada turma, mas, diferentemente dos professores já citados, utiliza um pequeno auditório, compartilhado com outros professores, para fazer a exibição de recursos audiovisuais. Além desses dois espaços, tem a possibilidade de utilizar o laboratório de Ciências da escola, que possui mesas grandes e pias. O uso desse espaço é condicionado ao revezamento com a outra professora de Arte da escola e com professores de outros componentes curriculares.

O professor Laranja e a professora Magenta utilizam a própria sala de aula de cada turma para fazer a exibição dos recursos audiovisuais, sendo que o primeiro optou por fazer a aquisição dos próprios equipamentos (projektor, computador e caixa de som) e a segunda optou por utilizar o projetor da escola e o computador pessoal. A escola onde Magenta trabalha disponibiliza *internet* para o uso do professor em todas as salas de aula. Além das salas de aula da turma, ela também utiliza os espaços do refeitório e do pátio da escola, que possuem mesas grandes.

Essa professora é um bom exemplo de como as condições impactam na prática docente, já que Magenta trabalha em três escolas com realidades distintas. As condições citadas no parágrafo anterior se referem à escola onde se deu a observação das aulas, sendo que essa estaria em uma espécie de “meio termo” em relação às outras duas, em termos de condições. Em uma delas, são disponibilizados poucos materiais para serem utilizados, ficando a cargo dos alunos se unirem para adquirir outros materiais a fim de viabilizar, sobretudo, atividades práticas. Na outra, os alunos possuem disponíveis os mais diversos materiais para atividades práticas, contando ainda com equipamentos tecnológicos à disposição em sala de aula, como *tablets* para uso individual.

O tempo destinado às aulas de Arte também muda de acordo com os locais de trabalho dos professores entrevistados. Esse tempo varia um pouco de escola para escola, mas, de modo geral, é um tempo bastante reduzido.

Tanto a professora Magenta, nas três escolas em que trabalha, quanto a professora Lilás e o professor Verde possuem uma aula de 50 minutos por semana com cada turma. O professor Laranja possui um tempo semelhante com os alunos, uma aula de 60 minutos por semana com cada turma. Durante alguns momentos da entrevista, inclusive, esse professor se referiu às aulas como “um encontro por semana com cada aluno”. Já a professora Azul possui um tempo maior com os alunos, duas aulas por semana de 60 minutos cada. Sobre esse tempo maior que o dos outros professores, Azul esclareceu que isso é possível devido à existência de outra professora de Arte, com quem divide o número de turmas da escola. Ela considera que a situação vivenciada em sua escola se trata de uma exceção.

Como as entrevistas se deram de forma semiestruturada, várias ideias foram levantadas pelos professores para além dos temas inicialmente propostos, que eram

a elaboração, a escolha e o uso dos materiais didático-pedagógicos. Ao mesmo tempo em que aparentavam fugir a esses temas, algumas ideias reforçavam aspectos desses, além de sugerir ligações entre a fala dos professores.

Isso motivou a criação de outras categorias de análise para além das que envolvem os três temas já mencionados. Essas outras categorias são: considerações sobre o livro didático e considerações sobre os materiais didático-pedagógicos e os alunos.

Ao analisar os dados coletados nas entrevistas, percebeu-se que a fala de alguns professores é formada por encontros e desencontros. Além desses encontros e desencontros dentro da própria fala, foram detectadas aproximações e afastamentos ao comparar a fala de um professor com a de outro, resultando em uma dinâmica rede de conexões possíveis.

Essa rede se faz complexa e parece revelar uma quase ausência de oposições entre as falas, mostrando que os posicionamentos diversos podem ser somente uma questão de ênfase, de importância dada a esse ou aquele aspecto, de modo a coincidir com a própria autonomia e individualidade da prática docente.

Essa questão de ênfase se reflete, inclusive, no tempo que cada professor destinou para expor suas opiniões sobre cada um dos temas, de modo a não ser algo incomum que os professores se estendessem consideravelmente mais em um ou em outro assunto. As professoras Magenta, Azul e Lilás, por exemplo, deram mais destaque para o planejamento das aulas em suas falas do que os professores Laranja e Verde.

Em se tratando da elaboração de materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte, nenhum professor se expressou sobre o tema a partir da ideia única de que não elabora seus próprios materiais. Todos os professores afirmaram, em algum momento da entrevista, que fazem essa elaboração.

Laranja foi o professor que expôs um processo mais sistematizado de reflexão sobre o assunto. Ele considera que desenvolve seus próprios materiais didático-pedagógicos desde que entrou na escola onde leciona atualmente, há cerca de quatro anos. Segundo ele, por trás dessa elaboração está o entendimento de que possui a obrigação de compartilhar conhecimento com outras pessoas, por ter se formado em uma universidade pública e ter tido acesso a um conhecimento

privilegiado. Deste modo, com esses materiais ele tem a possibilidade de abordar o universo da arte ao qual teve acesso, compartilhando essas informações e conhecimentos com os estudantes.

Ao mesmo tempo em que interessa a esse professor pensar um material que carregue consigo o universo da arte, também lhe interessa pensar um material que dialogue com conceitos, inventividades, ideias de cultura e de arte que os próprios alunos e suas famílias possuem. Assim, ao elaborar um material didático-pedagógico, ele se preocupa em pensar algo que propicie um encontro dessas duas coisas, ou seja, um material que seja a “fagulha de um incêndio”, um disparador para o que os alunos já trazem enquanto conhecimento.

Em relação à prática docente, Laranja pensa algo semelhante. Segundo ele, o disparador pode ser até um pequeno ato do dia-a-dia que permita “linkar” o tema desenvolvido na aula com algo relacionado à vida do aluno. Ele considera que isso é importante, pois a ele interessa que os alunos se apropriem da arte, se sentindo capazes de produzi-la, que eles tenham consciência e desenvolvam um “empoderamento artístico”. Assim, para ele, quanto mais conseguir aproximar a proposta de aula da vida dos alunos, melhor.

A utilização de elementos que permitam fazer esses “links”, sejam eles recursos audiovisuais ou a própria fala, pôde ser percebido durante a observação das aulas, especialmente em alguns momentos. Nesses momentos o professor apresentava exemplos ligados ao cotidiano dos alunos ou, ainda, buscava incentivá-los a fazer conexões entre as imagens apresentadas e acontecimentos recentes.

Sobre o processo de elaboração dos materiais didático-pedagógicos, Laranja afirmou que elaborar seus próprios materiais se tornou uma rotina e que esse processo sofreu alterações ao longo do tempo. Por conta própria, ele resolveu fazer o que chamou de “panorama histórico” para explicar como pensa o material e como se deram essas alterações.

Laranja explicou que as aulas de Didática que teve na Faculdade de Educação foram muito ruins, que começou o trabalho na escola desorientado e que antes disso ele lecionava para adultos, em uma escola livre de Arte. Os materiais que desenvolvia quando do início do trabalho na escola são diferentes dos atuais.

No começo eu tinha um desejo muito grande de me comunicar e compartilhar muita coisa com eles, então às vezes tinha material didático que era muita informação em uma folha branca e eu entregava uma para cada e a gente abria uma discussão e uma prática a partir daquilo. Hoje entendo que era muito denso e que o que eu propunha de material didático para uma aula poderia ser fragmentado e construído ao longo de 3 aulas ou mais. Foi um aprendizado¹³.

Aos poucos, por meio do convívio com os alunos, ele foi desenvolvendo e aprimorando os materiais didático-pedagógicos, criando materiais mais eficientes, diretos e objetivos, tendo em vista o curto tempo destinado às aulas de Arte.

Além dos fatores já citados que influenciam em seu processo pessoal de elaboração dos materiais, Laranja disse elaborar os materiais considerando as limitações e as necessidades da escola, bem como as experiências dele e às dos alunos, de modo a envolver um processo de revisão dos próprios procedimentos e vivências profissionais, além de uma reflexão sobre a forma como os alunos “respondiam” às propostas que ele trazia.

Esse processo se desenvolveu e ainda se desenvolve em uma relação de tentativa e erro, de expectativa e frustração:

Às vezes eu tinha uma expectativa com certo material didático, achava que ele ia funcionar muito bem e não funcionava nada. Outro que não tinha muita expectativa funcionava. Então a partir dessas relações eu comecei a entender o que funcionava mais e o que funcionava menos¹⁴.

Desse modo, o professor elabora seus materiais a partir das percepções e dos aprendizados em sala de aula. Para o ano de 2019, por exemplo, ele pensa em elaborar um material que funcione como uma espécie de “álbum de figurinhas” onde o aluno poderá ir acrescentando imagens e textos aos poucos, na medida em que os temas forem sendo abordados. Isso vem de encontro à percepção que teve, de anos anteriores, de que os alunos precisam de um material que reúna, de certa forma, o que foi visto e ao qual eles possam recorrer quando quiserem rever o que foi estudado.

¹³ LARANJA. *Entrevista do Professor Laranja*: áudio 1 [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (19 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

¹⁴ LARANJA. *Entrevista do Professor Laranja*: áudio 1 [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (19 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

Lilás foi outra professora que contextualizou a elaboração dos materiais a partir do aprendizado constante que se faz na prática docente diária. Ela está em seu primeiro ano como professora da rede pública e sua primeira experiência nesse contexto resultou, segundo ela, em uma tentativa frustrada de utilização do livro didático que a escola ofereceu para que ela seguisse. Após essa primeira tentativa, passou a elaborar seus próprios materiais didático-pedagógicos, sendo que esses materiais são para ela: “desde a teoria que passo depois de uma pesquisa e faço Power Point até [...] fazer a tinta e colocar a mão na massa. Fazer pra mim é a melhor forma de aprender, principalmente em artes¹⁵”.

Em relação às fontes de consulta para a elaboração desses materiais, a professora afirmou que faz pesquisas na *internet*, indicando as referências aos alunos, para que eles possam buscar por informações também. Além disso, ela consulta livros do seu acervo pessoal.

Com exceção da apresentação de *slides*, Lilás afirmou que normalmente prefere fornecer as instruções aos alunos e apoiá-los enquanto eles estiverem produzindo o próprio material e não fazer para eles. Isso porque ela percebe que funciona melhor, principalmente com os menores, por eles não possuírem “uma cultura de parar e ler¹⁶”. A professora considera que se entregar uma apostila pronta para os alunos eles não vão aproveitar, assim como aconteceu com outros materiais que a escola forneceu. Desse modo, ela não vê sentido em continuar insistindo em algo que não está funcionando.

Azul foi outra professora que mencionou apostilas durante a sua fala. Ela informou que normalmente as cria somente em casos nos quais haja um aluno com deficiência em sala de aula, de modo a produzir algo mais específico para ele. Na maioria das vezes, ela não reúne todo o conteúdo em um material só. Em vez disso, usa materiais “soltos”, como um texto que remete a determinado assunto ou instruções de um exercício prático.

¹⁵ LILÁS. *Entrevista da Professora Lilás* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (33 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

¹⁶ LILÁS. *Entrevista da Professora Lilás* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (33 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

A escolha por não elaborar esse tipo de material, deixando para reunir esses materiais “soltos” durante a própria prática docente, no contexto da sala de aula, se dá por dois motivos: a falta de tempo para a elaboração desses materiais e o fato de acreditar que resumir todos eles a um produto só diminuiria o entendimento dos alunos, achando preferível explorar um número maior de recursos e ideias para que os alunos possam “*linkar*” a mais aspectos da realidade deles.

Assim como a professora Azul, o professor Verde também mencionou a falta de tempo para a elaboração de materiais didático-pedagógicos. Aliás, segundo ele, essa falta de tempo começaria desde antes da elaboração dos materiais propriamente ditos. Ela se iniciaria na falta de tempo para conhecer melhor a escola e a realidade dos alunos. Verde não possui esse tempo, pois trabalha na escola em um tipo de regime temporário. Futuramente, ele irá assumir um cargo de professor com mais estabilidade em outra escola, o que, acredita, irá permitir que tenha tempo para conhecer a escola e a realidade dos alunos e, com isso, elaborar um material para ser utilizado durante todo o ano.

Mesmo quando já for autor desse material, disse que não se limitará a “seguir à risca” o que estiver nele proposto. A intenção é já deixar algo “pré-pronto” para que fique mais organizado e para que “ganhe” tempo.

Sobre a elaboração de materiais na prática docente atual, Verde afirmou que:

Mesmo que às vezes eu pegue como exemplo algo da *internet* ou algum livro didático, uma proposta de atividade prática, eu sempre atualizo para o meu contexto, o contexto dos meus alunos, da escola. Então eu acredito que tenha aí um processo criativo sim, tenha aí uma criação em primeiro grau minha. Mas utilizando de ideias que eu acho e também algumas ideias minhas, minha vivência, como, por exemplo, a criação dos contos, que normalmente eu falo do meu processo criativo e a partir disso a gente vai desenvolvendo com os alunos¹⁷.

Ele considera que está elaborando o próprio material a partir desse processo.

Outra professora que parece refletir em sua fala um entendimento semelhante ao apresentado pelo professor Verde, é a professora Magenta.

¹⁷ VERDE. *Entrevista do Professor Verde* [nov. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (26 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

Em alguns momentos da entrevista, essa professora explicou que a elaboração depende do plano de aula e das condições da escola onde está trabalhando. Mesmo quando perguntada especificamente sobre a elaboração dos materiais didático-pedagógicos, Magenta pareceu se ater mais à questão do planejamento das aulas do que a elaboração dos materiais propriamente ditos. Ela afirmou que pensa muito antes de “elaborar o plano de aula para executar com os materiais”, sendo que, através desse plano, ela elabora os materiais para a aula de Arte. Em relação às condições da instituição, citou como exemplo uma das escolas públicas onde trabalha, que não tem material de qualquer tipo para fornecer para o professor. Já na escola particular onde também leciona, há todo o recurso possível, desde algodão até bloco de sical, ficando bem mais prático trabalhar com os alunos. A partir do material base que cada escola lhe oferece, ela elabora os materiais.

Em certo momento da entrevista, Magenta chegou a citar que elabora questionários para uso dos alunos, mas não se estendeu demais nesse assunto. No geral, a fala dessa professora se mostrou um pouco confusa quando da abordagem desse tema, tornando-se mais clara quando perguntada sobre a escolha dos materiais.

Em relação à escolha dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte, Magenta esclareceu que procura fazer pesquisas, principalmente na *internet*, para ver o que pode utilizar na abordagem de cada tema. Além disso, ela procura “trocar ideias” com outros professores de Arte conhecidos seus e fazer cursos para entrar em contato com outras ideias, atualizando sua prática docente.

Para pensar a seleção dos materiais a serem utilizados, a professora afirmou fazer uso de uma série de critérios. Ela busca selecionar materiais variados, sobretudo para utilização nas aulas do Ensino Fundamental I. Isso porque, segundo ela, os alunos dessa etapa da Educação Básica enjoam dos materiais muito rápido. Magenta disse levar em consideração, também, a adequação à faixa etária dos alunos. Como exemplo, citou a não utilização de miçangas e pequenos botões com alunos de seis e sete anos, devido ao risco de que os engulam.

Outro fator que influencia na escolha dos materiais por parte dessa professora é a condição financeira, tanto da escola quanto dos próprios alunos.

Quando não há materiais disponíveis na escola para a realização de atividades práticas, ela costuma pedir para que os alunos levem. Como sabe que parte dos seus alunos possui poucos recursos financeiros, ela procura não pedir materiais caros. Além disso, busca organizar em grupos a realização de atividades que demandam investimento financeiro deles, pois assim eles podem dividir os custos.

Soma-se a esses fatores já expostos, a questão do interesse dos alunos, de cada turma. Sobre isso, ela disse: “vou pela vontade do aluno. Se a turma tem um andamento bom e que quando peço, todo mundo traz, então essa turma posso explorar mais¹⁸”.

Lilás foi outra professora que disse considerar o interesse dos alunos para a escolha dos materiais didático-pedagógicos. Ela se baseia no que observa de desenvolvimento da turma, buscando selecionar os materiais que proporcionam um maior engajamento dos alunos.

Sobre essa observação, a professora reiterou que esse ano tem realizado muitos testes, pois está iniciando a carreira docente. Sobre isso, ela esclareceu que: “Muita coisa que eu fiz não deu certo de forma nenhuma, não saiu nada. Quando não sai da forma como eu gostaria, mas sai alguma coisa, eu ainda considero¹⁹”.

Ao contrário do que faz a professora Magenta, a professora Lilás não parece ter como prática pedir para que os alunos levem materiais para a aula. Isso porque afirmou ter que “se virar” com o pouco que a escola fornece: papel, tinta, canetão, linha, quadro branco e apagador. Desse modo, Lilás não pensaria na condição financeira dos alunos como critério para a seleção de materiais, estando essa seleção vinculada à disponibilidade de recursos da própria escola onde trabalha.

Em um contexto ideal onde pudesse escolher os materiais que quisesse para o desenvolvimento das aulas de Arte, a professora afirmou que selecionaria materiais que fossem levar ao resultado esperado de forma mais prática, revelando preocupação com a eficiência desses materiais.

¹⁸ MAGENTA. *Entrevista da Professora Magenta*: áudio 1 [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (28 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

¹⁹ LILÁS. *Entrevista da Professora Lilás* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (33 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

A professora Azul também demonstrou, em sua fala, preocupação com a eficiência dos materiais didático-pedagógicos a serem escolhidos para o uso na sala de aula. Esse parece ser, inclusive, um critério determinante para a escolha dos materiais por parte dessa professora. Isso porque ela menciona, por mais de uma vez, que seleciona os materiais que levarão o aluno a ter contato com o conteúdo abordado de forma facilitada, que irão facilitar o entendimento do aluno de modo a “atingi-lo” mais diretamente.

Como considera que algumas coisas em arte, ou a maioria delas, não é possível entender usando somente a comunicação oral, ela costuma utilizar o livro didático para mostrar imagens aos alunos, além de muitos vídeos e áudios a fim de que entendam melhor o conteúdo.

Em uma das vezes que expôs suas considerações a respeito desse entendimento do aluno, a professora relacionou suas escolhas à sua experiência pessoal afirmando que:

Na minha infância e adolescência não tinha acesso a vídeo, então sobre dança e música só fui aprender na faculdade. Tinha coisas que eu nem sabia que existiam na arte, então devido a essa falta eu tento fazer diferente com meus alunos. Ainda mais por ser de periferia – estamos quase em Ibirité – eles ficam fora desse conteúdo cultural que acontece no centro de BH, que é muito mais intenso. A gente tenta colocar eles nesses circuitos da vida, [...] em todos os projetos que a prefeitura tem para levá-los para ter um contato maior com o conteúdo artístico mais pulsante do centro de BH, já que os museus estão todos lá. Então o museu como material didático a gente não tem muito aqui, por isso essas saídas são importantes pra eles²⁰.

Além do aspecto da eficiência, Azul também avalia o material em relação à praticidade de uso e de acesso. No caso de encontrar um livro que trata de determinado assunto na biblioteca da escola, por exemplo, é necessário que ela pense como fará para que todos os alunos tenham acesso ao livro, se ela fará uma cópia para cada aluno e se isso é viável.

A professora ainda citou outras questões que leva em consideração quando da escolha dos materiais, como: a adequação às particularidades de cada aluno, ao ano escolar e aos espaços disponíveis para o desenvolvimento da aula. Sobre os

²⁰ AZUL. *Entrevista da Professora Azul* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (30 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

espaços, ela esclareceu com um exemplo, dizendo que só utiliza tinta com os alunos quando o laboratório de Ciências da escola, que também é utilizado como sala de Arte, está disponível. Isso porque é necessário ter pia para limpar os materiais e só essa sala possui. Além do mais, atividades com tinta costumam resultar em muita bagunça e esse laboratório tem mais espaço, permitindo uma liberdade maior em relação a isso.

Por meio desse exemplo é possível observar, novamente, a preocupação dessa professora com a questão da praticidade. Já em relação à adequação ao ano e às particularidades de cada aluno, é possível observar, novamente, a preocupação que essa professora demonstra com o entendimento do aluno.

O professor Laranja também mencionou o entendimento do aluno como uma preocupação para a escolha dos materiais didático-pedagógicos. Porém, no caso dele, essa preocupação parece estar mais estreitamente ligada à busca por incentivar a autonomia dos estudantes.

Uma situação ocorrida durante a observação das aulas pode ajudar a perceber como essa busca influencia na escolha dos materiais por parte desse professor. Para entender a situação explicada a seguir, faz-se necessário pontuar que o professor Laranja, assim como faz o professor Verde, aborda os mesmos temas com todas as turmas para as quais leciona, independentemente do ano escolar.

Durante a observação, percebeu-se que o professor suprimiu algumas imagens e notícias de jornais da exposição que fez para os alunos de uma turma do sétimo ano quando comparada à exposição que fez para os alunos do nono ano. Perguntado sobre o que motivou essa adaptação em relação aos materiais, Laranja disse entender que algumas imagens não eram adequadas para explorar com essa turma, pois os alunos não alcançariam o entendimento de forma autônoma e ele teria que explicar tudo, o que acha que não compensa. Além disso, o professor informou que o tempo curto contribuiu para a sua decisão, já que a turma demorou muito para se concentrar.

Laranja disse que, às vezes, pensa em uma lógica de sequência quando vai selecionar os materiais didático-pedagógicos para utilizar em sala de aula. Essa sequência parece se referir a uma “continuidade de ideias” e a materiais que

instiguem a reflexão por parte dos alunos, de modo que essa possa se estender e permitir conexões e contraposições não só entre os conteúdos de Arte, mas também entre esses e os de outros componentes curriculares.

Em relação à escolha de materiais para atividades práticas, o professor explicou que busca materiais variados de modo a dialogar com a liberdade que o artista tem de propor construções com tudo o que for possível, sobretudo nos tempos atuais. Interessa a ele uma não hierarquização dos materiais. Ao mesmo tempo, interessa que os alunos compreendam que há diferença entre uma tinta importada “caríssima” e uma que se faz a partir da terra e que isso pode, ou não, influenciar no trabalho.

Ele acha que o que mais leva em consideração, quando da escolha dos materiais didático-pedagógicos, é a eficiência, por causa das limitações de espaço e de tempo, dentre outras que possui na escola, não especificando quais seriam essas “outras limitações”. Então ele busca pensar em algo que vá estimular os alunos na lógica de pensamento que quer construir durante a aula.

Em algumas situações, talvez passar um vídeo curto de cinco minutos é muito mais eficiente do que ficar falando aquela ideia durante 30 minutos, porque eu sou a mesma cara, que eles estão vendo desde o início do ano, sem cor, sem música, sem som, sem todo aquele aparato que foi pensado para aquele filme²¹.

Ao mesmo tempo em que procura selecionar materiais eficientes e que estimulem os alunos, ele revela que vez ou outra sente certa angústia quando pensa que esses materiais podem direcionar demais a produção dos alunos em vez de incentivá-los a criar algo realmente autoral; que podem seduzir demais a ponto de se transformarem em referência única, resultando na produção de cópias por parte dos alunos.

Assim, ele considera a questão da eficiência, mas também avalia qual material pode estimular os alunos de modo a manter uma maior liberdade de construção por parte deles.

²¹ LARANJA. *Entrevista do Professor Laranja*: áudio 1 [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (19 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

Propor o uso de materiais que estimulem os alunos é pensar em escolhas que despertem o interesse deles. Esse é levado bastante em consideração pelo professor Verde, quando da escolha dos materiais. Sobre isso ele destacou que não adianta fazer uma aula que ele considere interessante, que seja dinâmica, se os alunos não acharem o mesmo, pois pouco “vão tirar” desse momento.

O interesse dos alunos, a realidade deles, o contexto em que se inserem e a vivência artística que já possuem, tudo isso se revela de forma bastante conectada na fala do professor Verde. Isso pode ser percebido, por exemplo, na explicação que ele deu diante da escolha em levar, para a sala de aula, materiais que apresentassem a obra e a vida do artista Jean Michel Basquiat:

Por ser um artista marginalizado, filho de imigrantes, negro, artista de grafite, que é uma arte mais próxima dos alunos. Eles têm uma realidade muito violenta, então tudo que envolve violência parece que desperta mais o interesse. Trazer esse gosto mesmo. Mostrar que a arte é uma forma de se expressar, expressar sua revolta, sua dor ou suas alegrias também²².

Assim como outros professores, Verde enfatizou o quanto a escolha dos materiais está diretamente relacionada à disponibilidade. Ou seja, diz respeito tanto ao que a escola pode fornecer, que segundo ele é quase nada, quanto ao que os alunos podem conseguir, que segundo ele também não é muito.

A presença ou não de materiais na escola obviamente impacta no uso que se faz ou não deles. Sobre isso o professor afirmou fazer uso de coisas bem básicas. Como exemplo disso, citou uma atividade prática sobre autorretrato que desenvolveu com os alunos a partir do que cada um podia levar. Ele indicou que eles poderiam usar revistas, tesoura, cola, fotocópia ou foto de si mesmo, lápis de cor e giz de cera. Assim, cada aluno desenvolveu a atividade a partir daquilo que tinha levado para a sala de aula.

No exemplo acima, tratou-se da abordagem de um conteúdo das artes visuais. Já no caso do teatro, o professor disse não precisar de muita coisa, somente elementos pontuais para algum trabalho com cenário, figurino. Isso porque não desenvolve tantas cenas com os alunos, trabalhando mais com jogos teatrais.

²² VERDE. *Entrevista do Professor Verde* [nov. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (26 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

No caso de aspectos mais teóricos, ele normalmente divide o conteúdo a ser trabalhado em mais de uma aula, uma vez que o uso de materiais audiovisuais depende da possibilidade de utilização de uma sala específica da escola, que conta com os equipamentos necessários à exibição. Ao apresentar a obra e a trajetória pessoal de algum artista, por exemplo, ele normalmente inicia a abordagem por meio de um texto ou de uma discussão e, em outra aula, quando o espaço está disponível, ele mostra imagens de obras de arte ou cenas de algum filme sobre o artista.

Ainda se tratando dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte, a professora Magenta discorre sobre o assunto, dando grande ênfase aos materiais utilizados em atividades práticas.

Nesse contexto, ela afirmou usar todo tipo de material, tudo o que vê que possa ser útil para a aula, que permita que os alunos criem. Desde materiais produzidos, manufaturados ou industrializados, como revistas e jornais, até materiais retirados da natureza, como pedra e folhas de árvore. Desde tintas industrializadas até tintas criadas pelos próprios alunos a partir de pigmentos naturais.

Esse destaque a materiais que possam ser utilizados em suas práticas também foi percebido quando Magenta comentou sobre escolhas para apresentar produções de artistas aos alunos. Como a escola disponibiliza a reprodução de fotocópia (*xerox*), às vezes a professora distribui fotocópias de imagens de obras de arte como base para que os alunos pintem ou façam alguma montagem. Quando não traz para a sala de aula essas fotocópias, ela traz a versão digital das imagens para ser usada como referência para a realização de atividade, projetando-a no quadro da sala de aula com o auxílio de computador e projetor.

Essa última prática mencionada foi utilizada em parte das aulas observadas, onde imagens da *internet* foram escolhidas pelos alunos a partir de tema indicado pela professora e foram projetadas no quadro da sala de aula, de modo que eles pudessem copiar a lápis os contornos da imagem em cartolina fixada no mesmo quadro. Isso permitia que somente um grupo por vez copiasse os contornos da imagem de referência.

Em relação aos materiais utilizados na abordagem mais teórica, a professora afirmou utilizar mais vídeos do que outros materiais. Ela disse que passa muitos

vídeos, sendo que raramente usa o livro didático. Ela busca priorizar a utilização de vídeos mais curtos, sendo que o conteúdo deles costuma variar. No caso dos relacionados a artistas, por exemplo, eles podem apresentar aspectos da vida do artista ou imagens das suas obras.

Quando da exibição dos vídeos, a professora disse fazer uma série de pausas durante a projeção, com o objetivo de chamar atenção dos alunos para algum aspecto específico ou permitir que eles façam a análise de alguma obra ou, ainda, pedir para que eles copiem algo em seus cadernos. A impressão que se tem ao ouvir a explicação da professora é que a mesma utiliza dos vídeos como se fossem uma mistura de imagens em movimento e de apresentação de *slides*.

Além do vídeo, ela mencionou a utilização de imagens impressas do seu arquivo pessoal e de questionários elaborados por ela para que os alunos possam estudar para a prova. Além do questionário, os alunos também utilizam o livro didático para estudar para a prova.

A professora Azul também mencionou fazer uso de vídeos. Ela disse buscar por produções que “contextualizem” a maior parte do conteúdo para não expor os alunos a um excesso de informações de modo a prejudicar a construção de conhecimento por parte deles.

Ela costuma levar para a sala de aula apresentações de *slides* para mostrar imagens aos alunos. Segundo a própria professora, tanto os vídeos quanto as imagens deixam o conteúdo menos maçante, já que os alunos tendem a ficar dispersos quando ela usa somente o livro didático. Ela não gosta de “ficar muito na teoria”, mas entende que às vezes é necessário. Ela também disse utilizar a música com bastante frequência.

A professora esclareceu que busca usar os materiais de acordo com o seu planejamento, mas nem sempre isso é possível, pois há uma série de questões que podem desviar a aula da proposta. Ela explicou que: “Depende do clima da turma, se a gente vai para um lugar ou para outro. Às vezes o que planeja não dá para

fazer. Planeja passar um vídeo e os equipamentos não funcionam. Você acaba pulando aquela aula²³”.

Para a professora Azul, o uso dos materiais está diretamente ligado à escolha e à elaboração desses, bem como ao planejamento e às metodologias que propõe. Para ela tudo está vinculado, como se fosse a mesma coisa:

Como que eu vou pensar no material se não pensar em como aplicá-lo, como os alunos vão receber, qual metodologia vou fazer? [...]Primeiro eu planejo, depois vou vendo o que tem na escola, depois (penso) se dá para incluir outra coisa, (penso) como usar isso com os meninos: eles vão aceitar? Isso eles vão entender direito?²⁴

Lilás é uma professora que também parece ver em todas essas coisas uma relação muito direta. Exemplo disso é o fato de todas as suas falas sobre uso dos materiais estarem imbricadas por explicações e exemplos referentes a escolhas didáticas.

De modo geral, Lilás esclareceu que costuma destinar um tempo consideravelmente maior da aula para atividades mais práticas, usando o restante do tempo para o trabalho com aspectos mais teóricos, de modo a impactar diretamente na frequência com que utiliza cada um dos materiais disponíveis.

Como já mencionado anteriormente, Lilás desenvolve seus próprios trabalhos artísticos, que usa como material didático-pedagógico para apresentar técnicas e materiais aos alunos.

De forma semelhante, Laranja também utiliza de sua produção como um recurso para o ensino/aprendizagem em Arte, apresentando-a aos alunos. Esse professor parece fazer uso de praticamente os mesmos materiais em todos os anos escolares para os quais leciona, propondo adaptações pontuais quando considera necessário ou quando ocorrem imprevistos.

Em mais de um momento da sua fala, o professor Laranja situou o material didático-pedagógico como sendo um disparador de algo que vai chegar a algum lugar, que ele prefere muito não saber qual é. Tanto sua visão em relação ao

²³ AZUL. *Entrevista da Professora Azul* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (30 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

²⁴ AZUL. *Entrevista da Professora Azul* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (30 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

material quanto sua “preferência” por não saber o que a utilização desse material reserva, dialogam tanto com a importância que ele dá para a autonomia do estudante quanto com o desejo que ele tem de que esse material possa ajudar o aluno a construir conexões entre a arte e a própria vida. Trata-se de um reconhecimento das incertezas que cercam a prática docente e, conseqüentemente, a utilização do material didático-pedagógico.

No que se refere às relações que os alunos estabelecem com os materiais didático-pedagógicos, percebeu-se que as considerações dos professores a esse respeito se encontram dispersas ao longo das falas deles. Apesar dessa dispersão, ainda consegue-se destacar considerações mais sistematizadas de alguns professores.

Sobre esse assunto, Azul observa que os alunos demandam o uso de novas práticas, de novos materiais, que não são esses que ela usa hoje, mas que também ainda não descobriu quais são. Além disso, essa professora entende que ficar só em proposições mais teóricas é “coisa do passado”, que existe muita riqueza de recursos com os quais os alunos gostam de interagir, como o aparelho celular, e que podem ser utilizados dentro da sala de aula, no contexto de aulas práticas, por exemplo. Azul entende, ainda, que a variedade de materiais e práticas é algo essencial para os alunos.

Lilás também destacou a importância da busca por proporcionar variedade à relação materiais/aluno. Segundo ela, disponibilizar vários materiais e informações aos alunos parece fazer com que eles se engajem mais no desenvolvimento da aula.

No que se refere à receptividade dos alunos quanto aos materiais, a professora esclarece que depende muito da turma. Com os alunos mais novos, por exemplo, a utilização de uma apresentação de *slides* não é muito bem recebida. Para esses alunos é melhor utilizar opções mais lúdicas, como filmes e outros tipos de vídeos. A apresentação de *slides* funciona melhor para alunos mais velhos.

Segundo ela, essa receptividade também pode variar entre turmas do mesmo ano escolar. Enquanto algumas turmas parecem só “aprender fazendo”, não importando quantos ou quais materiais ela utilize para tentar trabalhar aspectos teóricos, outras turmas do mesmo ano escolar recebem bem esses materiais utilizados no trabalho com a teoria. Assim, isso depende muito do perfil da turma.

Algumas delas, por exemplo, parecem enxergar no livro didático a única forma de estudar, fazendo com que ela em alguns momentos tenha que usar isso a seu favor e, em outros, tente romper um pouco com essa lógica.

De modo geral, Lilás observa que suas turmas costumam apresentar maior receptividade a materiais usados no contexto da prática. Ela considera que isso se relaciona à dificuldade, que grande parte dos alunos tem, no entendimento da língua portuguesa e, conseqüentemente, no entendimento de materiais que incluam textos.

Sobre a autonomia dos estudantes em relação ao uso dos materiais, ela disse perceber que os alunos só sugerem formas de utilização dos materiais quando ela pergunta. Ela explicou que: “Porque uma das coisas que eu identifiquei que eles têm bastante dificuldade é que eles não têm muita autonomia de pensamento. Eles têm vergonha de dar a própria opinião²⁵”.

Ainda tratando-se da relação materiais/aluno, outra professora, Magenta, comentou que o interesse deles em relação ao material depende muito do fato de eles o conhecerem ou não. Sobre isso deu exemplo de uma câmera fotográfica que levou para que os alunos a vissem por fora, por dentro, e entendessem o seu funcionamento. No caso desse objeto, os alunos demonstraram bastante interesse, pois era novidade para eles.

Nas falas dos professores Laranja e Verde não foi possível destacar trechos que tratavam especificamente das relações que os alunos estabelecem com os materiais didático-pedagógicos.

Já no caso dos livros didáticos, é possível encontrar considerações muito bem definidas sobre esse tipo de material nas falas de todos os professores entrevistados.

Lilás, por exemplo, afirmou que decidiu usar o livro didático somente como referência para ela mesma, usando inclusive para definir as diretrizes do seu planejamento. Sobre essa decisão, ela esclareceu que, quando começou a trabalhar na escola, até tentou seguir o livro didático disponível com os alunos, mas não obteve sucesso nessa tentativa.

²⁵ LILÁS. *Entrevista da Professora Lilás* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (33 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

Mesmo utilizando o livro didático como referência, ela não considera que esteja fazendo uma adaptação. Ela acha que cria algo novo. Isso porque o conteúdo do livro é muito extenso, o que faz com que ele simplesmente “não caiba” dentro da realidade da sala de aula. Algumas vezes ela utiliza pequenas partes do livro em sala de aula, partindo desse uso para uma fala mais livre.

Em relação à escolha desse material, Lilás disse não ter participado do processo, pois quando começou a trabalhar na escola, o livro já estava lá. Apesar disso, ela não considera o livro escolhido ruim. Segundo ela, os conteúdos são muito bons, mas não despertam o interesse dos alunos, fazendo com que ela precise captar esse interesse de outras formas.

A professora Magenta também afirmou trabalhar com as ideias apresentadas no livro didático em vez de explorá-lo diretamente em sala de aula. Ela indica a utilização do livro por parte dos alunos somente como forma de estudar para a prova. Apesar disso, a professora disse não se prender ao seu conteúdo, buscando outras fontes para complementar o que é apresentado nele. Como não consegue trabalhar com tudo que é proposto no livro, ela escolhe somente algumas coisas para abordar com os alunos.

Parte das coisas que estão nos livros didáticos ela não acha interessante e considera que, se a linguagem pode ser até adequada para a faixa etária, as atividades costumam ser “fracas”, repetitivas. Ela disse ser mais uma questão pessoal mesmo, já que tem alunos de uma das escolas em que trabalha que até reclamam de não usar o livro em sala de aula.

Em contrapartida, os alunos de outra escola não levam o livro para a sala de aula. Quando precisam utilizá-lo, fazem a atividade em grupos com o livro da biblioteca. No trabalho com os alunos do Ensino Médio, Magenta disse chamar bastante atenção para as questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) presentes no livro, para que eles se interessem em levar o livro para a escola.

Magenta participou do processo de escolha dos livros adotados nas três escolas onde trabalha, sendo que nas escolas públicas a decisão se deu de forma conjunta entre ela e outros professores de Arte, com quem divide o número de turmas das escolas. Segundo ela, o que mais priorizou na escolha dos livros foi a quantidade de imagens. Ela considera isso importante, pois o livro será utilizado

pelos alunos por um tempo consideravelmente longo, precisando despertar o interesse deles por todo o tempo. Ela considera que quando há muitos textos no material os alunos não se interessam tanto, entretanto, quando há muitas imagens eles se sentem mais atraídos.

Para o ano de 2019, Magenta optou, juntamente com a direção da escola particular onde trabalha, por não adotar livro didático de Arte. Isso porque ele não é utilizado com frequência. Além disso, essa medida ajudará a reduzir o custo que as famílias têm com a aquisição de materiais.

De forma semelhante ao que Lilás e Magenta declararam, o professor Verde disse consultar com frequência o livro didático de Arte, apesar de quase não utilizá-lo em sala de aula com os alunos. Isso acontece porque ele não participou da escolha e considera que o livro didático adotado pela escola é pouco acessível em termos de linguagem, além de possuir textos e atividades muito fora da realidade dos alunos. Ele considera, ainda, que o livro, como “material didático de Arte, ainda está um pouco fora da esfera da prática da sala de aula. Parece que foi feito por pessoas que não estão muito atuantes na sala de aula ou, se estão, às vezes são de realidades muito diferentes da minha”²⁶.

Se Verde chega a utilizar alguns textos e atividades do livro didático, na maioria das vezes busca ideias na *internet*, em outros tipos de livros e em suas experiências anteriores como arte/educador²⁷. Mesmo que não use o livro didático diretamente em sala de aula, ele não nega que esse material acaba por influenciá-lo, impulsionando-o a desenvolver trabalhos relacionados ao que ele traz, porém mais voltados para a realidade dos próprios alunos.

Os professores Laranja e Azul são os que apresentam falas mais destoantes em relação às dos demais no que se refere ao livro didático. Enquanto a escola onde Laranja trabalha não adota livro didático de Arte, Azul parece ser a professora que utiliza o livro didático com maior regularidade em sala de aula, dentre os entrevistados.

²⁶ VERDE. *Entrevista do Professor Verde* [nov. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (26 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

²⁷ Termo utilizado pelo entrevistado.

Laranja optou por não escolher nenhum dos disponibilizados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Ele afirmou ter avaliado que um dos livros era muito ruim em relação aos conceitos. Já o outro livro, apesar de achar muito interessante em relação à forma como trabalhava os conceitos e dividia os conteúdos, julgou os textos muito extensos, seguidos de muitas perguntas para responder. Além disso, o livro propunha a realização de poucas atividades práticas, sendo que algumas delas se mostravam inviáveis no contexto de sala de aula.

De modo geral, achou os livros muito estanques, se assemelhando bastante ao que é proposto para o estudo de outros componentes curriculares. Sobre isso, afirmou: “Eu entendo arte como experiência de liberdade, seja a construção de um objeto, desenho, uma pintura, escultura, um conceito²⁸”. E quando se “deposita muito conhecimento no aluno, ele vira um mero recipiente e não há muito espaço para ele construir ali o próprio conhecimento [...], os próprios conceitos, de forma individual e coletiva²⁹”.

A professora Azul, apesar de ser a que parece utilizar o livro didático com maior regularidade em sala de aula, também tem suas ressalvas em relação a esse material. Ela afirmou que o conjunto de conteúdos apresentados é muito extenso para o tempo de aula, fazendo com que seja subtilizado. Assim, recorre a ele quando é possível incluir o conteúdo no planejamento, mas normalmente não dá para abordar tudo que está proposto todas as vezes.

Em contrapartida a essa percepção de que o livro traz um volume muito grande de conteúdos, ela percebe que tem sempre alguma coisa que vai faltar, que vai fugir ao que é apresentado nele, fazendo com que seja necessário buscar materiais mais específicos para tratar de certos temas e ampliar determinados conteúdos. Essa demanda surge a partir das especificidades de cada aula, que podem envolver temas trabalhados na escola e/ou as necessidades expressas pelos estudantes.

²⁸ LARANJA. *Entrevista do Professor Laranja*: áudio 2 [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (21 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

²⁹ LARANJA. *Entrevista do Professor Laranja*: áudio 2 [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (21 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

Azul, assim como alguns outros professores, participou da escolha do livro didático. Sobre esse assunto disse que os livros disponibilizados pelo PNLD eram bem fracos. Diante disso, teve que escolher o livro que apresentava conteúdos mais coesos para trabalhar com os alunos, de acordo com a idade deles. De modo geral, ela acha que os livros não são coerentes com a idade dos alunos, já que por vezes trazem discussões muito subjetivas ou muito superficiais. Em alguns momentos ela chega a buscar conteúdos em livros didáticos de outros anos por causa dessa inadequação.

3.2 Reflexões sobre o que os professores dizem

As ideias apresentadas até o momento, retiradas da fala dos cinco professores entrevistados, não foram as únicas considerações que eles fizeram ao longo da entrevista. Algumas escaparam à escrita, mesmo buscando abraçá-las ao máximo. E muitas foram as considerações desses professores sobre os materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte. Sobre a elaboração, a escolha, o uso desses materiais, sobre as relações que os alunos e que eles próprios estabelecem com esses materiais.

Dentre os pontos que mais se destacaram na fala de cada professor entrevistado, está o impacto que fatores alheios à vontade deles têm na elaboração, na escolha e no uso dos materiais por esses professores.

Muitos desses fatores estão relacionados à disponibilidade de determinada coisa como, por exemplo, a disponibilidade ou não de tempo, as ditas “faltas de tempos”. “Tempos”, porque o tempo é insuficiente para várias coisas, são vários os tipos de tempo que faltam: falta de tempo para a elaboração de materiais, falta de tempo para a pesquisa de materiais, falta de tempo para o uso de materiais.

Esses apontamentos revelam a importância de se pensar sobre o tempo fornecido aos professores para se dedicar a cada uma das etapas que precisam ser desenvolvidas a fim de promover a aprendizagem dos alunos. Faz-se importante perguntar: Quanto tempo é disponibilizado ao professor para que ele possa pesquisar os materiais didático-pedagógicos e criar estratégias para a utilização desses materiais? Quanto tempo é disponibilizado ao professor para que ele possa elaborar seus próprios materiais e fazer adaptações nos materiais já existentes,

quando necessário? Quanto tempo de aula de Arte é dado ao professor e ao aluno para que ambos possam se envolver na investigação e exploração das possibilidades que os materiais didático-pedagógicos trazem? De certo que o tempo que envolve essa última pergunta não é todo o tempo originalmente destinado à aula, tempo esse que inclusive já é pouco, pois ele também é despendido na troca de salas de aula, na preparação de equipamentos e na resolução de outros imprevistos inerentes ao dinamismo da sala de aula e da escola.

Há outro tipo de tempo, menos perceptível, que parece afetar as relações dos professores com os materiais didático-pedagógicos: o tempo de permanência na escola. Essa influência aparece em determinado momento da fala do professor Verde, quando informou que pretende elaborar um material futuramente, quando terá tempo de conhecer a escola e a realidade dos alunos, podendo, assim, fazer a elaboração do material a partir disso. Aparece também nas considerações que o professor Laranja faz sobre as mudanças que os materiais elaborados por ele sofreram em consequência do tempo de contato com os alunos da escola onde trabalha.

Com isso percebe-se a necessidade de garantir que os professores tenham a possibilidade de permanência maior nas escolas, pois isso permite que eles tenham um maior envolvimento com essas, o que só tem a enriquecer o trabalho que desenvolvem com os alunos.

Além da questão do tempo, os professores abordaram bastante a questão da disponibilidade de materiais, do acesso que eles têm ou não a diversos materiais, não tendo nenhum professor deixado de fazer considerações a esse respeito. A professora Magenta, por exemplo, ao esclarecer o que lhe é disponibilizado para uso em cada uma das escolas onde trabalha, deixa clara a influência que a disponibilidade de materiais tem nas escolhas que ela faz. Outra professora, Lilás, chamou a atenção para isso antes mesmo da entrevista, em resposta que deu à pergunta do questionário: “Escolho os materiais que tornam mais fácil o entendimento da matéria e os que estão disponíveis, considerando os recursos da escola e os meus” (Professora Lilás).

A estrutura disponibilizada aos professores é outro fator a ser considerado, tanto no que se refere a espaços, quanto no que se refere a equipamentos. O

professor Verde, por exemplo, afirma ter que concentrar a exibição de vídeos e imagens em parte das aulas, por causa do acesso limitado a determinados equipamentos, como projetor e computador. Isso acontece porque os equipamentos estão alocados em uma sala de uso compartilhado com os demais professores da escola. Nesse exemplo tem-se a influência da disponibilidade de equipamentos, condicionada à disponibilidade de determinado espaço.

Essa influência não se faz presente só quando da exibição de mídias digitais. Não é difícil perceber o quanto o uso de materiais simples pode variar de acordo com o espaço disponibilizado. Para isso é só imaginar uma atividade prática que usa tintas e papéis de grande formato sendo desenvolvida em uma sala com carteiras individuais e a mesma prática sendo desenvolvida em uma sala com mesas grandes e pias, espaços citados pelos professores.

Assinalar essas ausências de material, de espaços adequados, de tempo e de equipamento, é necessário para se lançar um olhar crítico e compreensivo em relação à prática dos professores de Arte. Só assim é possível perceber o que de potente já se faz, apesar das dificuldades impostas por essas ausências, e o que de potente ainda pode ser realizado, se lhes fossem dadas mais condições para isso.

Os professores apontaram fazer uso de uma série de “estratégias”, algumas delas já citadas anteriormente, para minimizar os impactos que essas ausências têm na escolha e no uso dos materiais didático-pedagógicos. Sobre isso é importante pontuar que as estratégias pensadas pelos professores não são soluções para esses problemas, e sim medidas paliativas que possibilitam a ocorrência das aulas. Continua havendo prejuízo ao aprendizado do aluno e isso só pode ser solucionado com a melhora das condições de trabalho do professor.

Como exemplo dessas “estratégias” tem-se a atitude do professor Laranja, que adquiriu seus próprios equipamentos para não ser privado da exibição de conteúdos digitais em suas aulas, já que os equipamentos da escola são compartilhados entre todos os professores. Em consequência disso, ele também acaba despendendo menos tempo da aula, pois não precisa se deslocar para pegar os equipamentos com outro professor.

Ainda apontando “estratégias” pensadas pelos professores, Magenta e Verde disseram pedir alguns materiais não disponibilizados pela escola aos alunos,

sobretudo para a realização de atividades práticas. Esse último disse, ainda, pensar em atividades que possam ser realizadas com vários materiais, pois assim aumentam-se as chances de os alunos terem algum dos materiais solicitados. Já Azul disse coletar com frequência vários tipos de materiais para utilização nas aulas, principalmente materiais recicláveis. Magenta comentou que, em algumas ocasiões, propôs aos alunos que as atividades práticas fossem desenvolvidas em grandes mesas localizadas no refeitório da escola, de modo que agora esses pedem para realizar as atividades lá. Lilás informou que mostra alguns dos seus materiais, como lápis variados, para que os alunos possam ver os lápis aos quais ela está fazendo menção.

Além de comentar sobre essas ausências, os professores entrevistados falaram também sobre os critérios que levam em consideração para a elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte, sobretudo para a elaboração e escolha desses. No caso do uso dos materiais, o que parece impactá-lo são realmente as dificuldades já citadas, além de possíveis imprevistos, não raros no ambiente escolar.

A praticidade do professor é apontada como critério a ser considerado para a elaboração e seleção de materiais didático-pedagógicos. Ela motiva a elaboração de materiais, como exemplificado pelo professor Verde, que pretende elaborar um material base para as aulas a fim de “ganhar tempo”, por ser mais prático. Ela também define a inclusão ou exclusão de certos materiais em sala de aula, como exemplifica Azul ao falar sobre sua opção por não utilizar certo livro, devido ao fato de que só tinha um exemplar para uso de todos os alunos.

A eficiência também é outro critério que pode ser percebido na fala dos professores, mesmo quando essa palavra não é utilizada. Muitas vezes mencionou-se a preocupação com o entendimento do conteúdo por parte do aluno que, se pensado como um objetivo do material didático-pedagógico, está diretamente relacionada à eficácia dele. Sobre isso, o professor Laranja falou diretamente, ao dizer que busca criar materiais didático-pedagógicos que sejam eficientes. É importante ressaltar que, sobre isso, Laranja fez a seguinte ressalva: ele deve ser eficiente, mas ao mesmo tempo não pode direcionar demais a produção dos alunos, inspirando-os a produzir cópias ao invés de criar de forma autônoma.

Em relação ao entendimento dos alunos, a professora Azul falou que pondera sobre quais materiais irão facilitar a compreensão do conteúdo. Além disso, ela cita essa preocupação como uma justificativa para não reunir os materiais que pesquisa em um só material, de modo a criar outro material.

Segundo ela, um material só não proporcionaria um entendimento tão grande do conteúdo quanto vários materiais. Sobre isso é importante pontuar que a variedade de recursos é uma estratégia pertinente e interessante para o ensino de todas as áreas, mas, se pensado um material único que proponha vários desdobramentos e possibilidades de investigação pelos próprios alunos, esse poderá ser tão eficaz ou mais que a utilização de vários materiais.

A preocupação em garantir uma maior variedade de materiais não aparece somente na fala da professora Azul, podendo configurar-se como uma outra influência em relação à escolha dos materiais didático-pedagógicos.

O que pode ser observado em relação à variedade de materiais e que também se aplica aos demais critérios, em maior ou menor medida, é que nem sempre a motivação para a adoção de determinado critério é a mesma. Ela varia de professor para professor, dependendo de suas ideias a respeito da arte e seu ensino.

Ainda tratando-se da diversidade de materiais, destaca-se a fala do professor Laranja ao ponderar que a variedade de materiais possíveis de serem utilizados é uma característica marcante da arte atual e que, por isso, ele busca propor aos alunos o desenvolvimento de produções a partir de diversos materiais. Essa postura é lógica e bastante pertinente, pois se há necessidade de estimular o contato e a compressão do aluno no que tange à arte contemporânea, uma boa alternativa é propor a prática criativa a partir de suas características.

Outra motivação para usar materiais variados, que não a de Laranja, é apresentada pela professora Magenta. Essa disse procurar fazer isso para que os alunos não percam o interesse, principalmente no caso dos alunos mais novos, que o fazem com facilidade.

Além de todos os critérios já citados anteriormente, a adequação ao contexto em que os alunos estão inseridos é também apontado como baliza para a

elaboração e a escolha de materiais por parte dos professores. Essa adequação também diz respeito a criação e a seleção dos conteúdos.

A busca por selecionar materiais que se adequem ao contexto dos alunos é uma constante não só na fala dos professores entrevistados, mas também em respostas dadas ao questionário. É válido lembrar que 13 dos 19 professores que responderam ao questionário marcaram a opção onde se lia “seleciono os materiais que mais se adequam ao contexto escolar dos alunos”, quando perguntados sobre a forma como se dá a seleção dos materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte. Aproveitando-se a menção a essa pergunta, pode-se citar brevemente outro critério que aparece tanto no questionário quanto na fala dos professores entrevistados, que é a adequação ao ano escolar. Essa, em parte das vezes, é seguida pela adequação à faixa etária, que é outro critério.

Voltando ao contexto dos alunos, percebe-se que a preocupação relacionada a isso está intimamente ligada ao reconhecimento da importância de se valorizar os conhecimentos e as experiências dos alunos enquanto indivíduos, respeitando as suas particularidades, além da percepção do quanto isso é positivo para o aprendizado deles.

A necessidade de selecionar materiais ligados ao contexto dos alunos é algo marcante na fala do professor Verde, que busca abordar conteúdos ligados à percepção que ele tem da realidade dos alunos. Esse aspecto também se destaca na fala do professor Laranja, que defende a criação de materiais que dialoguem com os conhecimentos e as experiências dos alunos.

Outro tipo de interesse é pouco explicitado pelos professores como um critério de seleção dos materiais: o deles mesmos. Apesar disso, ele é facilmente percebido quando de um olhar um pouco mais atento, deve mesmo ser levado em consideração, já que o ensino e a aprendizagem podem e devem ser prazerosos para professores e alunos.

A influência desse interesse pode ser percebida, por exemplo, quando as professoras Azul, Magenta e Lilás declaram utilizar aparelho de som, tintas e lápis quando precisam pensar em alternativas para a indisponibilidade de algum material que haviam selecionado para uso. Esses objetos estão relacionados às afinidades de cada uma das professoras, que gostam de utilizá-los.

As especificidades do ensino/aprendizagem em Arte também aparecem como outro critério que influencia na elaboração e escolha dos materiais, sendo apresentado pelos professores principalmente através de exemplos e afirmações relacionadas às formas de entender a arte e seu ensino.

Sobre isso foi dada, no geral, uma ênfase muito grande para a importância do exercício criativo no ensino/aprendizagem em Arte. A professora Magenta, por exemplo, explicou que faz uso, em sala de aula, de qualquer material que estimule o aluno a criar. Já Lilás acredita que arte se aprende “colocando a mão na massa”, ou seja, produzindo.

Mas essas especificidades não estão relacionadas só à produção. A professora Azul, por exemplo, disse acreditar que não dá para aprender arte “só falando”. Esse entendimento a motiva a buscar meios, sejam vídeos, imagens ou músicas, para garantir a fruição artística por parte dos alunos.

Essa mesma professora, inclusive, afirma algo relacionado a isso em sua resposta ao questionário: “Para lecionar arte de forma mais completa precisamos de materiais diferenciados das demais disciplinas visando a produção artística, a fruição e a apreciação artística. Sem os materiais é possível lecionar, mas de forma mais precária” (Professora Azul).

É interessante observar que existe um tipo específico de material didático-pedagógico que influencia indiretamente na elaboração, escolha e uso de outros tipos de materiais: o livro didático. Durante as entrevistas percebeu-se que 4 dos 5 professores entrevistados fazem uso do livro didático como referência para seleção dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. Como o conteúdo a ser abordado influencia na elaboração, escolha e uso dos materiais, o livro didático indiretamente também o faz.

O livro didático é procurado pelos professores como fonte de ideias, de textos, de atividades práticas e de diretrizes para elaborar planejamento. Apesar de ser utilizado como fonte de consulta por grande parte dos entrevistados, eles próprios possuem uma série de ressalvas quanto à utilização desse material com os alunos no cotidiano da sala de aula.

De modo geral, percebe-se que a esse material são dadas demandas que ele está fadado a não atender, nele são depositadas expectativas que nenhum material

por si só e isoladamente é capaz de satisfazer. Para perceber como isso se dá, é interessante observar as considerações de alguns professores a respeito dos livros didáticos.

A professora Azul parece ser a que mais utiliza o livro didático em sala de aula. Dentre as diversas características que ela atribuiu ao livro didático está o fato de ele apresentar muitos conteúdos para serem desenvolvidos ao longo do período proposto, fazendo com que ele seja subutilizado.

Se for pensado como algo que deve ser obrigatoriamente trabalhado em sua totalidade, isso pode ser considerado um ponto negativo do livro didático. Uma relação desequilibrada entre quantidade de conteúdos e tempo destinado à sua abordagem tem como consequência a exposição dos alunos ao excesso de informação contraproducente.

Ter informação sobre determinado assunto não é o mesmo que ter conhecimento sobre ele. Assim, expor os alunos a um grande volume de informações não é garantia de que eles irão aprender mais. Isso pode, inclusive, desencadear o efeito contrário, visto que o aprendizado passa pela experiência e essa é inibida pelo excesso de informação.

O prejuízo que o excesso de informações pode trazer para o aprendizado do aluno foi percebido, inclusive, por um dos próprios entrevistados. É válido lembrar que o professor Laranja disse ter elaborado materiais didático-pedagógicos com muitas informações quando iniciou o trabalho na escola, prática que reviu com o passar do tempo por avaliar ser negativa.

Voltando a questão da quantidade de conteúdos apresentados no livro didático, faz-se importante sinalizar que o professor pode abordar somente parte do conteúdo sem que isso queira dizer que ele está subutilizando o livro. “Seguir” um material, qualquer que seja ele, não deve ser uma tarefa imposta ao professor. Em vez de se pensar que ele está subutilizando o livro, pode-se pensar que ele está procedendo a uma seleção pautada nas necessidades dele, da escola e dos próprios alunos, deixando a cargo desses últimos explorar o restante do material, caso seja de seu interesse.

Assim, o fato de o livro didático ter um grande volume de conteúdos não deve ser considerado, de forma alguma, impedimento para o seu uso em sala de aula. O

contato do aluno com o livro em sala de aula é algo que pode até mesmo estimulá-lo a fazer uso desse tipo de material por conta própria. Em relação a isso vale a pena pontuar uma observação feita por Pimentel (2016):

Há professores que consideram o livro didático como algo “a ser seguido”, e não como aliado deles. Tampouco consideram que, muitas vezes, o livro didático é o único material impresso sobre Arte na casa dos alunos. Quando se abstêm de usá-lo, estão negando aos alunos o direito de ter um livro de Arte. Em vez de considerarem o livro didático como seu aliado e direito dos alunos, aproveitando para discutir as divergências e problemas que ele apresenta, simplesmente negam-se a colaborar com a melhoria e difusão do ensino/aprendizagem em Arte (PIMENTEL, 2016)³⁰.

Assim, a oportunidade do aluno fazer uso do livro didático fora do ambiente escolar é importante. Como mencionado por Pimentel (2016), muitas vezes esse será o único material de Arte que ele terá disponível para consulta em casa. Além disso, dar a oportunidade de acesso a esse material pode minimizar, ainda que pouco, os prejuízos causados ao ensino das diversas áreas artísticas quando se impõe que o professor especialista em uma das áreas assuma a responsabilidade pelo ensino de todas elas. Tendo o livro em mãos ele poderá, pelo menos, ainda que por conta própria, ter acesso a informações referentes a essas áreas.

As possibilidades de se abordar somente parte do livro em sala de aula, de o aluno ter acesso a ele e de desenvolver autonomia para fazer uso desse material em outros ambientes, podem ser pensados como formas de explorar esse material sem abrir mão de eficiência, praticidade, variedade e tantos outros critérios apontados pelo professor como parâmetro para proceder à escolha dos materiais didático-pedagógicos.

Ter a chance de enxergar positivamente algumas características dos livros didáticos que, a princípio, possam ser tomadas como negativas pelo professor não desconsidera a importância de se lançar um olhar crítico sobre esse tipo de material e o contexto no qual a sua utilização está inserida. Não se pode desconsiderar, por exemplo, o fato da professora Azul, que é quem mais parece utilizar o livro em sala de aula, ter aproximadamente duas vezes mais tempo de aula do que os outros professores entrevistados.

³⁰ PIMENTEL, Lucia Gouvêa, Palestra no XXVI ConFAEB, Boa Vista- RR, 2016. Informação oral.

Algumas situações relatadas pelos professores também precisam ser analisadas com cuidado à luz de todo o sistema de ensino da Educação Básica. Pode-se citar o relato da professora Azul, que afirmou buscar conteúdos em livro didático de ano escolar anterior por apresentar uma abordagem mais adequada dos conteúdos quando comparado ao livro corresponde ao ano escolar da própria turma. Pode-se citar, ainda, situação relatada pela professora Magenta, que afirma conviver com tamanho desinteresse dos alunos em relação ao livro didático em uma das escolas onde trabalha, que eles nem sequer levam o livro para a aula. Em contrapartida, os alunos de outra escola em que essa mesma professora leciona Arte chegam até a pedir para usarem mais o livro em sala de aula.

Há ainda que ser pensado o fato de parte dos professores entrevistados, assim como tantos outros professores da Educação Básica, não terem sido responsáveis pela escolha do livro e, por isso, não conseguirem construir aproximações entre esse e os princípios que regem sua prática docente.

O reconhecimento crítico das potencialidades e limitações dos livros didáticos abre espaço para se pensar que todos os materiais didático-pedagógicos trazem e deixam de trazer contribuições para o ensino/aprendizagem em Arte. Isso pode impulsionar cada professor a elaborar seus próprios materiais didático-pedagógicos.

Elaborar materiais didático-pedagógicos não necessariamente significa construir um material totalmente novo em termos de conceito e material. Nem sempre é preciso “inventar a roda”. Pensar novos conceitos e materiais é extremamente potente e isso pode ser feito tanto a partir da criação de algo que, à primeira vista é “completamente novo”, quanto a partir da união de vários outros materiais, criando-se uma espécie de “colagem” deles. Diz-se “completamente novo” entre aspas, porque é possível até mesmo questionar se existe algo realmente assim, completamente novo.

Por vezes as pesquisas que os professores fazem e as conexões que eles estabelecem entre diferentes ideias e conceitos não chegam a se concretizar em algo material, seja esse algo a “colagem de materiais” ou o “completamente novo”, citados acima. Sobre isso, é importante fazer duas ponderações.

A primeira delas é que falar que um professor não elabora seus próprios materiais não o diminui enquanto professor. Nas entrevistas ficou claro o

protagonismo de cada um deles na escolha e uso dos materiais. Ficou evidente, também, a importância desses processos para o ensino/aprendizagem em Arte, havendo pesquisa e criação em todos eles.

Apesar de as decisões que se faz a respeito da escolha e do uso dos materiais serem tão importantes quanto a criação de novos materiais, deve-se pensar em toda a potência envolvida na criação de materiais didático-pedagógicos por parte do professor, a começar pelo fato de poder criar materiais que dialoguem com o cotidiano e as vivências dos alunos. Essa potência se amplia ainda mais quando o professor é professor-artista, professor-pesquisador ou professor/artista/pesquisador, como é o caso dos professores entrevistados.

Quando o professor se propõe a elaborar um novo material, ele inicia um processo investigativo. Ele pode “brincar” de experimentar materiais, técnicas, formatos e fazer vários testes em relação ao uso desses materiais. Isso tudo só tem a favorecer a prática docente, criando conexões que se renovam e se expandem em prol do ensino/aprendizagem em Arte. Além disso, contribui com a transformação e enriquecimento do próprio professor enquanto indivíduo. Em relação a essa transformação, Fayga Ostrower cita como exemplo o ato de um homem que produz uma jarra de argila para explicar que:

Seguindo a matéria e sondando-a quanto à “essência de ser”, o homem impregnou-a com a presença de sua vida, com a carga de suas emoções e de seus conhecimentos. Dando forma à argila, ele deu forma à fluidez fugidia de seu próprio existir, captou-o e configurou-o. Estruturando a matéria, também dentro de si ele se estruturou. Criando, ele se recriou (OSTROWER, 2007, p.51).

Essa presença de emoções e de conhecimentos, das quais trata Ostrower, também pode ser pensada em relação às experiências. Quando o indivíduo se coloca naquela matéria em transformação, ele também coloca um pouco das suas experiências ali, que constroem os saberes que lhe são próprios. Apesar de individual, uma experiência pode ser pensada como ponto de partida para impulsionar experiências em outros indivíduos. Exemplo disso é a declaração feita pela professora Azul ao expor o motivo que a leva a apresentar produções de dança e de música para os alunos, por meio de recursos audiovisuais. Ela relatou que não teve muito acesso a isso na sua infância e pré-adolescência e que por isso busca proporcionar aos seus alunos esse tipo de contato com a arte.

Ainda em relação à elaboração de materiais pelos próprios professores, é importante destacar que dar forma às ideias que se tem é uma maneira de criar um “banco de referências” que pode ser utilizado novamente, não só pelo próprio professor, mas por outros também, caso compartilhado.

A segunda ponderação importante de ser feita é que os diferentes níveis de transformação dos objetos, por parte dos professores, não determinam se eles serão materiais potentes para o ensino/aprendizagem em Arte ou não. Entre os professores entrevistados, há quem elabore materiais didático-pedagógicos a partir da “colagem” de outros e há quem os elabore a partir de conceitos e materiais, sendo que, às vezes, as duas relações estão presentes. Em ambos os casos os professores criam. Além disso, podem ser propostos materiais didático-pedagógicos simples ou elaborados, sendo que ser um ou outro não diz nada a respeito de eficácia desses.

A respeito de criações, inclusive, é interessante observar que processos criativos andam lado a lado das práticas docentes. A criatividade “entra” todo dia com o professor na sala de aula, seja em maior ou menor quantidade. Ela se manifesta em atos simples, como os de adaptar o planejamento da aula em consequência de imprevistos. Essa adaptação também se estende aos materiais, de modo que nas falas de todos os professores há a indicação de adaptação, tanto do material quanto da forma de utilizá-lo.

CONSIDERAÇÕES

Assim como existem várias formas de se pensar materiais didático-pedagógicos, existem várias formas de se relacionar com eles. Algumas dessas formas já constavam no questionário da pesquisa feita para esta dissertação. Elas constavam ali como “ideias fechadas”, que podiam ser escolhidas pelo professor. Alguns escolheram várias dessas opções, por vezes quase opostas. Além dessas várias, ainda apontaram para outras formas de ver e se relacionar com esses materiais.

O que estava ali posto e que se colocou com mais amplitude nas falas dos professores entrevistados, sendo reforçado na observação das aulas, é que há diversas possibilidades localizadas nos “entres”. Entre os professores que diziam seguir os materiais à risca - se é que isso é realmente possível - e os professores que não os seguem de forma alguma. Entre os professores que adaptam os materiais disponíveis sem que isso resulte em um novo material e aqueles que elaboram os próprios materiais, pensando-os desde o início.

O que se observa dessas possibilidades é que em todas elas estão envolvidas, em menor ou em maior intensidade, o ato criativo. Há transformações, mudanças, novidades. Seja de ideias ou de materiais, mesmo que tímidas. Elas se expandem e se potencializam à medida que envolvem a investigação, pelo professor, de materiais didático-pedagógicos mais adequados para cada um dos vários temas abordados no contexto do ensino/aprendizagem em Arte. Por isso a importância de o professor buscar desenvolver cada vez mais a prática investigativa, sistematizando-a em pesquisas que alimentem a prática docente.

Essa sistematização possibilita o compartilhamento de estratégias didáticas e ideias relacionadas ao ensino/aprendizagem em Arte, incentivando a revisão não só das práticas de outros colegas de profissão, mas também das suas próprias práticas. Sobre essa revisão faz-se pertinente observar como oportunidades de aperfeiçoamento da prática docente podem estar mais próximas e serem mais acessíveis ao professor do que comumente se imagina. Garantir a formação continuada do professor por meio de cursos e estudos sistematizados é essencial. Mas ter garantidas condições (tempo, equipamentos, espaços e acesso a referências) para o professor refletir sobre a sua prática docente e a de outros

colegas é igualmente essencial e bastante positivo para o aperfeiçoamento profissional, além de viabilizar que as pesquisas e sistematizações das investigações sejam realizadas com a necessária constância.

As sistematizações mencionadas até aqui não se referem somente a produções textuais. Elas se referem também à produção de materiais que “vão para além” dos textos, que podem ser resultantes, inclusive, da prática artística, da transformação da matéria em algo novo.

Desenvolver a prática artística só tem a enriquecer a atuação do professor de Arte em sala de aula e os materiais didático-pedagógicos que ele se propuser a elaborar. Quando o professor elabora algum material didático-pedagógico, principalmente se atuando enquanto professor/artista/pesquisador, ele assume uma postura reflexiva frente às próprias experiências, colocando-as em favor do ensino/aprendizagem de Arte. Essas não se limitam somente a experiências profissionais, mas abrangem também as experiências pessoais, estando imbricadas umas nas outras.

Com o olhar atento às necessidades dos alunos e às próprias experiências, é possível elaborar materiais didático-pedagógicos que considerem o contexto no qual os alunos estão inseridos, ampliando-se a possibilidade de criar materiais que dialoguem com a realidade deles, que os toquem de alguma forma, que contribuam para que tenham experiências significativas relacionadas à arte. Isso tudo de modo a despertar interesse e curiosidade, alimentando a necessária vontade de ter uma ligação mais estreita e ativa com a arte e tudo que a envolve.

REFERÊNCIAS

- BASBAUM, Ricardo. Amo os artistas-etc. In: MOURA, Rodrigo (org.) *Políticas Institucionais, Práticas Curatoriais*, Belo Horizonte, Museu de Arte da Pampulha, 2005. Disponível em: <https://rbtxt.files.wordpress.com/2009/09/artista_etc.pdf>. Acesso em 25/01/2019.
- BJORK, Christina. *Linéia no jardim de Monet*. Ilustrações de Lena Anderson. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Salamandra, 1992, 48 p.
- BRASIL. *Programa Nacional do Livro Didático - informações*. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-funcionamento>>. Acesso em: 21/06/2016.
- CANSI, Lislaine Sirsi; REQUIÃO, Renata Azevedo. A presença de um artista-professor na sala de aula: considerações iniciais. *Anais do 24º Seminário Nacional de Arte e Educação: Arte e Educação: Os desafios do professor de arte no mundo contemporâneo*. HUMMES, Júlia; SANTOS, Luiz Fernando Cardozo dos; BELLO, Marcia Pessoa Dal (org). Montenegro: Ed. da FUNDARTE, p.444-451, 2014. Disponível em: <<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/228>>. Acesso em: 27/02/2018.
- CAPRA, Carmen Lúcia; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Ditos sobre professor-artista. *Anais da XI ANPED SUL*. Curitiba: Setor de Educação da UFPR, p. 1-15, 2016. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/EIXO6_CARMEN-L%3C%9ACIA-CAPRA-LUCIANA-GRUPPELLI-LOPONTE.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, John. *Experiência e educação*. São Paulo: Editora Nacional, 1971.
- DEWEY, John. *Vida e Educação*. Trad. e estudos preliminares Anísio Teixeira. 10 ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
- EFLAND, Arthur. Imaginação na cognição: a propósito da Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005, p.318-345.
- EMERICH, Ana Luiza. Questionamentos e possibilidades envolvendo os materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte. (maio de 2018). In: OLIVEIRA, Luiz Sérgio de; TÁVORA, Maria Luisa (orgs). *[E S T A D O D E A L E R T A!]: l i v r o 1*. Niterói: PPGCA - UFF, 2018, p.51-66. Disponível em: <<https://estadodealerta2018.wixsite.com/anpap-rj/publicacoes>>. Acesso em: 04/06/2019.
- EMERICH, Ana Luiza. Entre a ausência e o afeto: vivências no ensino/aprendizagem em Arte (novembro de 2018). In: GUIMARAES, L. REGO, L. (orgs). *Ações políticas de/para enfrentamentos, resistências e recriações* [recurso eletrônico]: Anais [do] XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil [e] VI Congresso Internacional dos Arte/Educadores. Brasília, DF, 2018, p 124-136. Disponível em: <http://www.faebr.com.br/site/wp-content/uploads/2019/05/anais_confaebr_2018.pdf> Acesso em: 04/06/2019.
- FERNANDES, Luciane Bonace Lopes. *Professor-artista-propositor: arte e vida em sala de aula*. 2009. 224 f. Dissertação (Linha de Pesquisa: Teoria e Crítica de Arte) - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 20 /07/2017.
- FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Material didático e prática docente. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*. Araraquara, v.2, n.1, p.1-9, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/454>>. Acesso em: 27/02/2018.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira. Pensando os objetos no ensino a partir dos estudos foucaultianos. *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados/MS, v.6, n.17, p.176-189, maio/ago. 2016. Disponível em:

<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/5794/2957>>. Acesso em: 27/02/2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Tânia Maria Figueiredo Braga; CHAVES, Edilson Aparecido; GARCIA, Carla Hamel. Jovens do ensino médio e tecnologias: uma experiência de produção colaborativa de materiais didáticos digitais. *RELATEC – Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa*, Universidad de Extremadura (UEX), Red Universitaria de Tecnología Educativa (RUTE) Nodo Educativo (Grupo de Investigación), <<https://relatec.unex.es/issue/view/244> > Disponível em: <<https://relatec.unex.es/article/view/3082>>. Acesso em: 27/02/2018.

GOGH, Vincent van. *A noite estrelada*. Pintura a óleo, 74 cm x 92 cm, junho de 1889, Museu de Arte Moderna de New York.

HOFSTAETTER, Andrea. Possibilidades e experiências de criação de material didático para o ensino de artes visuais. *Anais do 24º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, setembro de 2015, Santa Maria, RS; SANTOS, Nara Cristina Santos [et al.] (orgs.). Santa Maria: Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas; Universidade Federal de Santa Maria, PPGART; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, p.607-622, 2015. Disponível em: <http://anpap.org.br/anais/2015/comites/ceav/andrea_hofstaetter.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.

LANIER, Vicent. Devolvendo arte à arte-educação. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) *Arte-educação: leitura no subsolo*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.43-58.

LARROSA BONDÍA, Jorge. A experiência e suas linguagens. In: *Tremores: escritos sobre experiência*. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 35-56.

LARROSA BONDÍA, Jorge. *Estudar*. Tradução de Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. Edição Bilingue. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Tremores: escritos sobre experiência*. 1. ed. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 15-34.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

LOYOLA, Geraldo Freire. Abordagens sobre o material didático no ensino de Artes Visuais. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 4*. Belo Horizonte: CEEAV/EBA/UFMG, 2011, p.05-14.

LOYOLA, Geraldo Freire. *Professor-artista-professor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte*. 2016. 113 f. Tese (doutorado) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MARTINS, José Batista Dal Farra. O Artista-pesquisador-pedagogo. *Anais do VI Congresso de Pesquisa e pós-graduação em Artes Cênicas*, 2010. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/vicongresso/pedagogia/Jose%20Batista%20dal%20Farra%20Martins%20-%20O%20artista-pesquisador-pedagogo.pdf>>. Acesso em: 27/12/2018.

MORIN, Edgar. Os princípios do conhecimento pertinente. In: *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001, p. 35-46.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Cognição imaginativa. *Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n.6, p.96-104, 2013. Disponível em: <<http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/118>> Acesso em: 24/06/2016.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Fruir, contextualizar e experimentar como possível estratégia básica para investigação e possibilidade de diversidade no ensino de Arte: o contemporâneo de vinte anos. In: BARBOSA, Ana Mae; DA CUNHA, Fernanda Pereira (orgs.). *Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 211-228.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias do ensino de Arte Visuais. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). *Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1*. Belo Horizonte: CEEAV/EBA/UFMG, 2009, p. 24-37.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Novas territorialidades e identidades culturais: o ensino de arte e as tecnologias contemporâneas. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio (org.). Rio de Janeiro: ANPAP, p. 765-771, 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/lucia_gouvea_pimentel.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa, Palestra no XXVI ConFAEB, Boa Vista- RR, 2016. Informação oral.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. *Revista ouvirOUver*, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 88-98, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707/17687>>. Acesso em: 20/02/2017.

PIMENTEL, Lucia G. Tecnologias Contemporâneas e o ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 113-121.

SILVA, Evellyn Ledur da, GIORGANI, Estela Maris. Aprendizagens de Professores e alunos com materiais didáticos nos anos iniciais do ensino fundamental. *Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE* (26 a 29 de outubro de 2009). PUCPR, p.8079-8099. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3081_1983.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.

SILVA, Evellyn Ledur da; GIORGANI, Estela Maris; MENOTTI, Camila Ribeiro. As tendências pedagógicas e a utilização dos materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem. *VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: história, sociedade e educação no Brasil*. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, p. 1-22, 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/qMP2rpp.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.

SILVA, Gisele Costa Ferreira da. *Livros didáticos para o ensino de arte: diálogos, práticas e (des)caminhos*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2009, 119p. Disponível em: <https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/2009_Gisele_Costa_Ferreira_da_Silva.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.

TEUBER, Mauren. Materiais didáticos destinados a professores de artes visuais: questões para a pesquisa e para a formação do professor. *Anais do III Encontro do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Formação Continuada*. Faculdade de Artes do Paraná - Curitiba/PR. 2012. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/MAURENTEUBER_RESUMO.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.

TEUBER, Mauren. *Relações entre Ensino, Práticas Artísticas e Pesquisa: Princípios Didáticos para a Formação do Professor de Artes Visuais*. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. 140 p. Disponível em: < <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/51727>>. Acesso em: 27/02/2018.

TROJAN, Rose Meri; RODRÍGUEZ, Jesús Rodríguez. Os PCN's e os materiais didáticos para o ensino aprendizagem da arte: o que propõem? *Linhas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 49 - 71, jan. / jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1397/1194>>. Acesso em: 27/02/2018.

VALARINI, Denise. *Livros didáticos de ensino de arte: avaliação e análise crítica*. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP. Campinas, SP:[s.n], 2016, 99p. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/304762/1/Valarini_Denise_M.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.

VASCONCELOS, Edmilson Vitória de. As poéticas pedagógicas do artista-professor. In: 16º Encontro Nacional da ANPAP, Florianópolis, 2007. *Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais*. Florianópolis: Clicdata Multimídia, 2007, p. 791-799. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br>>. Acesso em: 20/07/2017.

ZAMBONI, Sílvio. *A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. 4. ed. revista. Campinas: Autores Associados, 2012.

Entrevistas

AZUL. *Entrevista da Professora Azul* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (30 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

LARANJA. *Entrevista do Professor Laranja: áudio 1* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (19 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

LARANJA. *Entrevista do Professor Laranja: áudio 2* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (21 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

LILÁS. *Entrevista da Professora Lilás* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (33 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

MAGENTA. *Entrevista da Professora Magenta: áudio 1* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (28 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

MAGENTA. *Entrevista da Professora Magenta: áudio 2* [out. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (11 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

VERDE. *Entrevista do Professor Verde* [nov. 2018]. Entrevistadora: A. Emerich. Belo Horizonte: entrevistadora, 2018. gravação digital (26 min). Entrevista concedida à Pesquisa Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA “MATERIAIS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM EM ARTE”

Caro(a) professor(a) de Arte,

Meu nome é Ana Luiza Emerich Magalhães e sou aluna do Mestrado em Artes na Escola de Belas Artes da UFMG, tendo como orientadora a Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel. Minha pesquisa investiga os materiais didático-pedagógicos na Educação Básica e eu gostaria de contar com sua ajuda no sentido de responder o questionário abaixo. Esse é um convite e sua participação na pesquisa não é obrigatória. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as relações que professores e alunos de escolas de Educação Básica da Região Metropolitana de Belo Horizonte estabelecem com os materiais didático-pedagógicos de Arte, identificando se esses indivíduos modificam ou elaboram os materiais e como ocorrem esses processos. Para participar da pesquisa, você deve atuar como professor de Arte na Educação Básica em escola localizada na região metropolitana de Belo Horizonte e atuar como professor de Arte na Educação Básica há pelo menos três meses.

Se optar por participar da pesquisa, peço que responda ao questionário com perguntas relacionadas a materiais didático-pedagógicos de Arte. Não é necessário que se identifique, sendo a identificação opcional. Se você se identificar, seu nome não será divulgado, bem como o nome da escola em que trabalha e o seu e-mail.

Após a etapa do questionário, pretendo fazer algumas entrevistas. Assim, caso você tenha disponibilidade para me ajudar em etapas posteriores, por favor, coloque seu e-mail. Caso não queira, não precisa se identificar, mas é importante que responda ao questionário.

Desde já agradeço sua colaboração para a pesquisa em ensino/aprendizagem em Arte.

Nome (opcional) _____

Nome da escola onde trabalha (opcional) _____

1- Você é professor(a) do componente curricular Arte em escola de Educação Básica há, pelo menos, três meses?

- Sim
- Não

2- Em que tipo de escola você leciona o componente curricular Arte? (Marque mais de uma alternativa, se necessário)

- Municipal
- Estadual
- Federal
- Particular

3- Se você atua em alguma(s) cidade(s) da Região Metropolitana de Belo Horizonte, indique em qual(is) cidade(s) se localiza(m) a(s) escola(s) em que leciona o componente curricular Arte.

4- Se você atua em Belo Horizonte, marque a(s) regional(is) onde se localiza(m) a(s) escola(s) em que leciona o componente curricular Arte. (Marque mais de uma alternativa, se necessário) (opcional)

- Barreiro
- Centro-Sul
- Leste
- Nordeste
- Noroeste
- Norte
- Oeste
- Pampulha
- Venda Nova
- Não sei

5- Em quais etapas e modalidades da Educação Básica você leciona o componente curricular Arte? (você pode marcar mais de uma opção e, se necessário, marcar a opção "outros" e especificar)

- Educação infantil
- Ensino Fundamental - anos iniciais
- Ensino Fundamental - anos finais
- Ensino Médio
- (EJA) Ensino Fundamental - anos iniciais
- (EJA) Ensino Fundamental - anos finais
- (EJA) Ensino Médio
- Outros _____

6- Qual sua formação acadêmica? (você pode marcar mais de uma opção e, se necessário, marcar a opção "outros" e especificar)

- Licenciatura em Artes Visuais
- Licenciatura em Dança
- Licenciatura em Música
- Licenciatura em Teatro
- Educação Artística
- Outros _____

7- Quais as áreas artísticas que leciona? (você pode marcar mais de uma opção e, se necessário, marcar a opção "outros" e especificar)

- Artes Visuais e Audiovisuais
- Dança
- Música

Teatro

Outros _____

8- Em sua opinião, o que se configura como um material didático-pedagógico de Arte?

9- Os materiais didático-pedagógicos são importantes para o ensino/aprendizagem em Arte?

Sim

Não

10- Justifique a resposta da pergunta anterior:

11- Quais materiais didático-pedagógicos você, como professor(a) do componente curricular Arte, utiliza para a ELABORAÇÃO das aulas? (você pode marcar mais de uma opção e, se necessário, marcar a opção "outros" e especificar)

Vídeo

Livro didático

Internet

Apostila

CD

DVD

Materiais didático-pedagógicos desenvolvidos por equipamentos culturais (ex.: materiais distribuídos por educativos de museus e centros culturais)

Outros _____

12- Exemplifique a pergunta anterior escrevendo o nome de alguns materiais didático-pedagógicos que utiliza para a ELABORAÇÃO das aulas:

13-Quais materiais didático-pedagógicos você, como professor(a) do componente curricular Arte, utiliza DURANTE as aulas? (você pode marcar mais de uma opção e, se necessário, marcar a opção "outros" e especificar)

Vídeo

Livro didático

Internet

Apostila

CD

DVD

Materiais didático-pedagógicos desenvolvidos por equipamentos culturais (ex.: materiais distribuídos por educativos de museus e centros culturais)

Outros _____

14- Exemplifique a pergunta anterior escrevendo o nome de alguns materiais didático-pedagógicos que utiliza DURANTE as aulas:

15- De que forma se dá a escolha dos materiais didático-pedagógicos que utiliza na elaboração e durante as aulas? (você pode marcar mais de uma opção e, se necessário, marcar a opção "outros" e especificar)

Utilizo todos os materiais didático-pedagógicos que encontro disponíveis

Seleciono os materiais didático-pedagógicos que considero que mais se adequam aos anos escolares em que leciono

Seleciono os materiais didático-pedagógicos que considero que mais se adequam ao contexto dos meus alunos

Outros _____

16- De que forma você se relaciona com esses materiais didático-pedagógicos? (você pode marcar mais de uma opção e, se necessário, marcar a opção "outros" e especificar)

Preparo e desenvolvo a aula seguindo orientações dos materiais didático-pedagógicos

Aproprio-me dos materiais didático-pedagógicos disponíveis, adaptando-os

Elaboro/construo meus próprios materiais didático-pedagógicos

Outros _____

17- De que forma considera que os alunos se relacionam com os materiais didático-pedagógicos? (se necessário, marcar a opção "outros" e especificar)

Seguem as orientações fornecidas pelos materiais didático-pedagógicos

Apropriadem-se dos materiais didático-pedagógicos ofertados pela escola e pelo professor, propondo diferentes formas de utilizá-los

Outros _____

Agradeço mais uma vez sua colaboração. Se quiser, deixe suas observações no espaço abaixo:

Deixe seu e-mail aqui caso tenha disponibilidade para participar de entrevista (opcional): _____

Deixe seu e-mail aqui caso tenha interesse em receber o retorno sobre a pesquisa (opcional): _____

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTA

O(a) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa de Mestrado intitulada Materiais didático-pedagógicos para ensino/aprendizagem em Arte, desenvolvida por Ana Luiza Emerich Magalhães, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucia Gouvêa Pimentel. Essa pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG).

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as relações que professores e alunos de escolas de Educação Básica da Região Metropolitana de Belo Horizonte estabelecem com os materiais didático-pedagógicos de Arte, identificando se esses indivíduos modificam ou elaboram os materiais e como ocorrem esses processos. A pesquisa justifica-se pela importância que o material didático-pedagógico pode vir a ter no ensino/aprendizagem em Arte e pela escassez de referências sobre esse tema no campo da Arte, no contexto brasileiro. Para participar da pesquisa, o(a) participante deve atuar como professor(a) de Arte na Educação Básica em escola localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte e atuar como professor(a) de Arte na Educação Básica há pelo menos três meses.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, o(a) Sr(a). poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará quaisquer prejuízos.

A pesquisa contribuirá, por meio da divulgação dos seus resultados e de forma indireta, para que o(a) Sr(a). tenha a oportunidade de refletir acerca da sua prática docente, a fim de aprimorar os mecanismos de ensino/aprendizagem em Arte.

Para participar deste estudo o(a) Sr(a). não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o(a) Sr(a). tem assegurado o direito à indenização. O(a) Sr(a). receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em entrevista semiestrutura a ser gravada em áudio, a partir da assinatura desta autorização.

Ao participar da pesquisa, estará sujeito ao risco de, no momento da entrevista, dizer algo que posteriormente se arrependa, tendo sua fala registrada. Para minimizar esse risco, a transcrição do áudio da entrevista será apresentada para o(a) Sr(a)., para que possa decidir pela exclusão de alguma parte do material.

As pesquisadoras se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos sem qualquer identificação dos(as) participantes da pesquisa, sendo omitidos os dados que possam identificá-los.

Caso o(a) Sr(a). concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua e a outra das pesquisadoras. Além de assinado pela pesquisadora e pelo(a) participante, o documento será rubricado em todas as suas páginas.

Rubrica do(a) participante da pesquisa: _____

Rubrica da pesquisadora: _____

Seguem os contatos das pesquisadoras, por meio dos quais o(a) Sr(a). poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Nome: Ana Luiza Emerich Magalhães

E-mail: XXXXXXXXXXXXXXXXX

Telefones: XXXXXXXXXXXXXXXXX

Nome: Lucia Gouvêa Pimentel

E-mail: XXXXXXXXXXXXXXXXX

Telefone: XXXXXXXXXXXXXXXXX

Endereço: XXXXXXXXXXXXXXXXX

Seguem os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, que poderá ser contatado em caso de dúvidas éticas.

Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005.

Telefone: (31)3406-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Belo Horizonte, ____ de _____ de ____.

Nome do(a) participante de pesquisa: _____

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Assinatura da pesquisadora

Rubrica do(a) participante da pesquisa: _____

Rubrica da pesquisadora: _____

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTA E OBSERVAÇÃO

O(a) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa de Mestrado intitulada *Materiais didático-pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte*, desenvolvida por Ana Luiza Emerich Magalhães, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucia Gouvêa Pimentel. Essa pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG).

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as relações que professores e alunos de escolas de Educação Básica da Região Metropolitana de Belo Horizonte estabelecem com os materiais didático-pedagógicos de Arte, identificando se esses indivíduos modificam ou elaboram os materiais e como ocorrem esses processos. A pesquisa justifica-se pela importância que o material didático-pedagógico pode vir a ter no ensino/aprendizagem em Arte e pela escassez de referências sobre esse tema no campo da Arte, no contexto brasileiro. Para participar da pesquisa, o(a) participante deve atuar como professor de Arte na Educação Básica em escola localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte e atuar como professor de Arte na Educação Básica há pelo menos três meses.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, o(a) Sr(a). poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará quaisquer prejuízos.

A pesquisa contribuirá, por meio da divulgação dos seus resultados e de forma indireta, para que o(a) Sr.(a) tenha a oportunidade de refletir acerca da sua prática docente, a fim de aprimorar os mecanismos de ensino/aprendizagem em Arte.

Para participar deste estudo o(a) Sr(a). não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o(a) Sr(a). tem assegurado o direito à indenização. O(a) Sr(a). receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em entrevista semiestrutura a ser gravada em áudio, a partir da assinatura desta autorização, e de observação da prática docente, a ser registrada por meio de anotações escritas, em dias e horários a serem combinados.

Ao participar da pesquisa, estará sujeito ao risco de, no momento da entrevista e durante as aulas observadas, dizer ou fazer algo que posteriormente se arrependa, tendo sua fala e ação registradas. Para minimizar esse risco, a transcrição do áudio da entrevista e os materiais de registro das aulas serão apresentados para o(a) Sr(a)., para que possa decidir pela exclusão de algum material ou de parte desse.

As pesquisadoras se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos sem qualquer identificação dos(as) participantes da pesquisa, sendo omitidos os dados que possam identificá-los.

Rubrica do(a) participante da pesquisa: _____

Rubrica da pesquisadora: _____

As pesquisadoras se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos sem qualquer identificação dos(as) participantes da pesquisa, sendo omitidos os dados que possam identificá-los.

Caso o(a) Sr(a). concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua e a outra das pesquisadoras. Além de assinado pela pesquisadora e pelo(a) participante, o documento será rubricado em todas as suas páginas.

Seguem os contatos das pesquisadoras, por meio dos quais o(a) Sr(a). poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Nome: Ana Luiza Emerich Magalhães

E-mail: XXXXXXXXXXXXXXXX

Telefones: XXXXXXXXXXXXXXXX

Nome: Lucia Gouvêa Pimentel

E-mail: XXXXXXXXXXXXXXXX

Telefone: XXXXXXXXXXXXXXXX

Endereço: XXXXXXXXXXXXXXXX

Seguem os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG, que poderá ser contatado em caso de dúvidas éticas.

Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais. Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005.

Telefone: (31)3406-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Belo Horizonte, ____ de _____ de ____.

Nome do(a) participante de pesquisa: _____

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Assinatura da pesquisadora

Rubrica do(a) participante da pesquisa: _____

Rubrica da pesquisadora: _____